UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - *CAMPUS* XII

JONATAS THIAGO DOS SANTOS CARNEIRO

TERNO DE REIS DA FAZENDA BOA SORTE:
a cultura como parte da educação no município de Caetité-BA

GUANAMBI-BA
2025

JONATAS THIAGO DOS SANTOS CARNEIRO

TERNO DE REIS DA FAZENDA BOA SORTE:
a cultura como parte da educação no município de Caetité-BA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia (*Campus* XII) como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ª Drª: Lidia de Teive e Argolo.

Linha de pesquisa: Fundamentos Filosóficos, Psicológicos e Socioantropológicos da Educação – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE).

GUANAMBI-BA
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

C289t Carneiro, Jônatas Thiago dos Santos

Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte: a cultura como parte da educação no município de Caetité - BA / Jônatas Thiago dos Santos Carneiro, Lidia de Teive e Argolo. Orientador(a): Lidia de Teive e Argolo. Argolo. Guanambi, 2025.

85 p : il.

TCC (Graduação - Pedagogia). Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.

1.Cultura popular . 2.Caetité . 3.Educação . 4.Rituais. 5.Terno de Reis . I. Argolo, Lidia de Teive e . II. Argolo,Lidia de Teive e. III. Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. IV. Título.

CDD: 371

JONATAS THIAGO DOS SANTOS CARNEIRO

TERNO DE REIS DA FAZENDA BOA SORTE:
a cultura como parte da educação no município de Caetité/BA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia (*Campus* XII) como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia; pertencente às linhas de pesquisa: *Fundamentos Filosóficos, Psicológicos e Socioantropológicos da Educação*, vinculadas ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE); avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Documento assinado digitalmente
gov.br
LIDIA DE TEIVE E ARGOLO
Data: 26/08/2025 11:33:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Drª: Lidia de Teive e Argolo

(Orientadora – UNEB/DEDC XII)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA FREITAS
Data: 26/08/2025 09:22:46-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Mª. Ana Cláudia de Oliveira Freitas

(Membro interno – UNEB/*Campus* XII)

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOSENI PEREIRA MEIRA REIS
Data: 26/08/2025 10:20:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Drª. Joseni Pereira Meira Reis

(Membro interno – UNEB/*Campus* XII)

Aprovada em, _____de _____2025.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, dedico meus agradecimentos a Deus por abrir caminhos, fortalecer meus passos e me guiar durante toda minha caminhada acadêmica. À minha mãe Edilene, que foi minha base de apoio e fonte de força. Ao meu pai Jailton e meu irmão Jan Carlos por todo incentivo e suporte para que eu pudesse erguer a cabeça e seguir em frente mesmo diante das dificuldades enfrentadas. Aos meus avós, Sr.ª Helena e Sr. Luíz por todo carinho, pela moradia no início do curso e por estarem presentes até o fim da minha jornada acadêmica. Ao meu tio Jaildo e ao meu irmão Bruno, que nunca mediram esforços para me levar e buscar na universidade. À minha namorada Lidiane, que caminhou ao meu lado, segurando minha mão nos momentos em que pensei em desistir, me ajudando de inúmeras formas a continuar.

À minha orientadora, Prof.ª Dra. Lidia, pela dedicação, paciência e por toda orientação e apoio acadêmico para a realização deste trabalho. Aos professores Drª. Dinalva Macedo, Dr. Domingos Trindade, Mrª. Marisela Pi Rocha e todos os professores que me acompanharam desde o primeiro semestre, por todo conhecimento ensinado e apoio durante os estudos. À minhas colegas Evelyn, Juscilene, Ismaia, Jaqueline, minha cunhada Lídia Kelli e aos demais colegas que estiveram presentes não só nos estudos, mas também por ter me ajudado na conquista da minha prótese. À Universidade do Estado da Bahia – Campus XII, por todo acolhimento e por ter proporcionado tantos aprendizados. Às amizades cultivadas ao longo dessa caminhada, pelas trocas, companheirismo e pelos momentos que foram marcantes em minha formação. E a todos funcionários e pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a conquista dessa formação acadêmica.

Viva ao Santo Reis, viva aos Reiseiros, viva a educação!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a cultura do Terno de Reis pode ser integrada na Educação, de forma que possa ser mantida e valorizada pela sociedade, tendo em vista sua contribuição para os aprendizados dos alunos. A escolha do tema se deu a partir da minha vivência familiar com a cultura do Reisado e foi reforçada durante as oportunidades com teorias e práticas de pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII de Guanambi/BA. Para compreender o tema proposto, foram utilizadas como fundamento as abordagens de Roberto DaMatta, Clifford Geertz, Victor Turner, Arnold Van Gennep, Émile Durkheim, Mariza Peirano e René Mare da Costa Silva. Tais abordagens contribuíram para um olhar sensível e compreensivo voltado aos ritos, símbolos e significados intrínsecos à cultura do Reisado, bem como permitiram acessar sua dimensão educativa. A metodologia adotada define-se como qualitativa, baseada nas perspectivas antropológicas dos autores que fundamentam o trabalho. Nessa perspectiva, a pesquisa envolveu a realização de revisão bibliográfica, pesquisa de campo, observação participante, bem como diálogos e entrevistas semiestruturadas com a minha avó materna, líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte e com pesquisadores e educadores envolvidos com a cultura do Reisado. Os resultados da pesquisa revelam como o Reisado atua enquanto elo de ligação entre as vivências e saberes culturais das diferentes gerações de uma comunidade, aproximando seus membros ao promover sentimentos de pertencimento cultural e de identidade. Pesquisar o Reisado permitiu relacionar aspectos desta cultura enquanto instrumentos pedagógicos potentes, capazes de ser mobilizados nos espaços escolares ou fora deles como exemplos de integração entre cultura e educação. Nesse sentido, corroborando com a formação humana e fortalecendo a memória coletiva, o Reisado possibilita aos estudantes estabelecerem compreensões acerca de seus traços culturais, bem como acessar um caminho para a garantia do direito a uma educação democrática e humanizada.

Palavras-chave: Cultura popular; Caetité; Educação; Rituais; Terno de Reis.

ABSTRACT

This study aims to understand how the Terno de Reis tradition can be integrated into Education, so that it may be preserved and valued by society, recognizing its relevance to students' learning processes. The choice of this theme arose from the author's family experience with the Reisado and was reinforced throughout academic training in the Pedagogy degree program at the State University of Bahia (UNEB), Campus XII – Guanambi/BA, through both theoretical and practical research experiences. The analysis is grounded in the contributions of Roberto DaMatta, Clifford Geertz, Victor Turner, Arnold Van Gennep, Émile Durkheim, Mariza Peirano, and René Mare da Costa Silva, whose approaches enabled a close reading of the rites, symbols, and meanings of the Reisado, highlighting its educational dimension. The methodology adopted is qualitative in nature, inspired by the anthropological perspectives of the aforementioned authors. It involved bibliographic review, field research, participant observation, as well as dialogues and semi-structured interviews with the researcher's maternal grandmother, leader of the Terno de Reis in Fazenda Boa Sorte, and with researchers and educators engaged in the valorization of this cultural practice. The findings show that the Reisado functions as a link between generations, articulating cultural knowledge and lived experiences while fostering identity and a sense of community belonging. The research also revealed that, when recognized as a pedagogical practice, the Reisado becomes a powerful tool for integrating culture and education, both within and beyond school settings. In this perspective, valuing this tradition strengthens collective memory, contributes to human development, and ensures that students can engage with their cultural heritage, thus advancing the right to a democratic and humanized education.

Keywords: Popular culture; Caetité; Education; Rituals; Terno de Reis.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Apresentação na casa de um amigo - Reis de chegada.....30
Figura 2: Apresentação na casa de um amigo - Despedida 31
Figura 3: Concentração dos Ternos de Reis na praça da Catedral em Caetité.....32
Figura 4: Ensaios antes da apresentação no evento 33
Figura 5: Apresentação no evento.....34
Figura 6: Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte liderado por Vande.....38
Figura 7: Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte no 14º festival de reisado de Morrinhos39
Figura 8: Capa do CD do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte.....40
Figura 9: Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB).....42
Figura 10: Exposição da bandeira de um dos Ternos 44
Figura 11: Exposição dos instrumentos.....46
Figura 12: Exposição da ladainha.....48
Figura 13: Exposição fotográficas de crianças participando do Reisado.....51
Figura 14: Registros e camisetas de alguns Ternos de Reis.....52

LISTAS DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
DEDC	Departamento de Educação do Campus
MASB	Museu do Alto Sertão da Bahia
PPP	Programa Político Pedagógico
SCIELO	Sientific Eletronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 VIVA AO SANTO REIS: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....8
2 REIS DE ENTRADA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DE NOÇÕES DE RITO, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO 16
2.1 A NOÇÃO DE RITO 16
2.2 CULTURA POPULAR 22
2.3 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO 25
3 UM GIRO EM BUSCA DA COMPREENSÃO DOS TERNOS DE REIS EM CAETITÉ 28
3.1 ACOMPANHANDO O 37º ENCONTRO DE TERNOS DE REIS E VIOLEIROS EM CAETITÉ 28
3.2 VIVÊNCIAS DE UMA LÍDER DO REISADO 35
3.3 O OLHAR DE PESQUISADORES E SUAS PRÁTICAS PARA A PRESERVAÇÃO DO REISADO 41
3.4 TERNO DE REIS NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA ESCOLA MUNICIPAL ZELINDA CARVALHO TEIXEIRA 56
4 A CONTRADANÇA: OLHARES E INTERPRETAÇÕES 63
4.1 CAMINHOS PERCORRIDOS RUMO A UMA INTERPRETAÇÃO DO TERNO DE REIS.....63
4.2 DIÁLOGOS INTERPRETATIVOS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO REISADO.....66
5 VIVA AOS REISEIROS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA DO REISADO E A EDUCAÇÃO 73
REFERÊNCIAS 76
APÊNDICES 78
Perguntas utilizadas na entrevista à líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte 78
Perguntas utilizadas no diálogo com os diretores da Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira.....80
Perguntas utilizadas na entrevista ao professor Luíz Benevides 81

1 VIVA AO SANTO REIS: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

"Viva ao Santo Reis", é uma saudação que os Reiseiros fazem quando adentram uma residência para fazer suas apresentações, essa saudação pode acontecer tanto na chegada do Terno de Reis, quanto no final como forma de anunciar a chegada e o final de suas apresentações. Quando um Terno de Reis chega a uma casa, o grupo inicia com o Reis de Entrada, uma canção considerada um pedido de autorização para que possam tocar e cantar na residência. Durante a execução dessa música, há um momento específico da letra em que os Reiseiros entregam a bandeira ao residente da casa. Quando os anfitriões aceitam e pegam a bandeira, os membros do grupo de Reiseiros falam essa frase como se fosse uma maneira introdutória da chegada do Terno de Reis e do início de suas apresentações. Com essa dinâmica em mente, faço referência ao Reisado dizendo viva ao Santo Reis ao nomear a seção que apresenta os aspectos introdutórios deste trabalho. Ao longo do texto, os títulos das próximas seções serão relacionados às apresentações que acontecem durante a manifestação de um Terno de Reis.

O Brasil é formado por diversos tipos de manifestações culturais, tanto materiais quanto imateriais, que se fazem presentes em cada canto do país, em cada pessoa que aqui vive, nos seus modos de agir, comunicar, expressar e pensar. Essa riqueza de manifestações faz parte da construção cultural do povo e compõe a ampla diversidade cultural brasileira.

A realidade social brasileira é formada pela diversidade cultural tecida pelas diversas populações que aqui habitam, tais elas como: Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhas, Nordestinos etc. Cada grupo social produz uma cultura específica e está cultura não é algo que está pronto e acabado, mas está em constante fluxo através das trocas simbólicas envolvidas nas ações

Embora a cultura seja tecida através das ações sociais, as práticas culturais são mantidas ao longo do tempo, passando a fazer parte das características, vivências e realidades de cada grupo cultural. Algumas dessas práticas culturais se tornam tão significativas e marcantes que, quando mencionadas ou descritas para alguém, são passíveis de ser rapidamente relacionadas ao grupo que lhe deu origem.

A manifestação cultural que me chamou atenção para a realização deste trabalho é a do Reisado. O Reisado trata-se de uma representação cultural que faz parte da tradição de diversas localidades do Brasil, constituindo o patrimônio cultural imaterial do país. Desde sua origem, integra as celebrações do nascimento de Jesus Cristo. Na realização do Terno de Reis, são utilizados instrumentos como o zabumba, pandeiro, flauta, violão, sanfona e diversos outros, que compõem a riqueza e diversidade das tradições populares por meio das músicas, cantigas

e danças. Através da prática do Terno de Reis, os grupos que o realizam se sentem mais devotos à sua religião, mantendo e aumentando cada vez mais a sua fé em Cristo.

Presente em várias regiões do país, o Terno de Reis também se destaca de forma significativa no município de Caetité, onde anualmente ocorre o Festival de Reisado, um bem cultural. Em 2023 este festival tornou-se um bem cultural imaterial da cidade, sendo reconhecido como uma das principais manifestações culturais do município. Durante o encontro de Ternos de Reis, vários grupos de diferentes localidades das zonas rurais do município e até mesmo de cidades vizinhas se reúnem e se apresentam de acordo com a ordem de chegada. As roupas diferem entre cada grupo, mas muitos deles utilizam acessórios feitos artesanalmente como chapéus, lenços, dentre outros com cores que carregam a identidade de cada Terno de Reiseiros. Alguns grupos utilizam instrumentos feitos pelos seus integrantes, como tambores, reco-recos, pandeiros e flautas feitas artesanalmente, já outros acrescentam violões, violas e sanfonas para aumentar a harmonia nas apresentações, características essas que enriquecem as apresentações do Festival de Reis.

O Reisado se configura como cultura popular, pois a folia de reis traz a representatividade de diversos significados através da arte na música ao som dos instrumentos e letras de canções, das danças, das vestimentas e da fé cristã. Ao sair nas ruas em direção às casas com o objetivo de levar alegria, paz e esperança para os devotos na religião. O Reisado, portanto, é um rito social, uma cultura popular que nos ajuda a compreender a cultura popular brasileira.

Para esboçar uma compreensão do surgimento da cultura popular das festas de Santos Reis, acessamos o livro “Cultura Popular e Educação: salto para o futuro” organizado por René Mare da Costa Silva (2008). Nos ensaios que compõem esta obra, acessamos reflexões importantes em relação a manifestações culturais para a construção de saberes e práticas pedagógicas. Com as contribuições deste autor, será possível entender como a cultura do Reisado foi se desenvolvendo desde quando surgiu em sua região de origem e como foi adaptada no Brasil.

De acordo com as narrativas da Bíblia, mais especificamente em Mateus (2, 1-12), no início da era Cristã, três homens saíram em busca de Jesus que tinha acabado de nascer. Esses homens foram guiados por uma estrela até chegar ao local onde Jesus estava para lhe ofertar presentes como: ouro, incenso e mirra (Bíblia [...], 2017, Mt. 2). Segundo Torres e Cavalcante (2006), “o título de Reis, atribuído aos Magos do Oriente, foi devido a Cesário [São Cesário], Bispo de Arles, França no século VI”. Ainda segundo os autores, somente no século VII foi

assegurado pelo Papa Leão I que eram três Reis Magos, porém sem nomes estabelecidos (Torres; Cavalcante, 2008, p. 200).

A partir de então, tiveram início as celebrações com referência aos Reis Magos celebrando o nascimento do menino Jesus. Torres e Cavalcante (2006) afirmam que essas celebrações eram comuns em toda a Europa, principalmente em países como a França, Itália, Alemanha, Portugal e Espanha, mas eram representadas somente dentro das igrejas como instrumento de ensino e divulgação da doutrina cristã que foi se popularizando aos poucos e só mais tarde foram levadas aos espaços abertos, possibilitando assim, o surgimento dos cortejos levando a mensagem do nascimento de Jesus de casa em casa (Torres; Cavalcante, 2006, p. 200).

Ainda segundo os autores, a chegada das festividades dos Reis Magos ao Brasil ocorreu no período colonial, trazida pelos portugueses e jesuítas, utilizando liturgicamente a temática dos Magos como instrumento para a catequização. “Estes utilizavam autos litúrgicos com a temática dos Reis Magos, sob a forma de canto, dança e encenação, no processo de catequese e ensino, tanto dos nativos indígenas como nos próprios colonos portugueses (reinóis) e, posteriormente, dos escravos negros” (Torres; Cavalcante, 2006, p. 201).

Torres e Cavalcante afirmam que José de Anchieta, catequista na época, encenou a primeira manifestação teatral no Brasil, intitulada como “Pregação Universal”, que foi se repetindo por toda a região com várias adaptações. Conforme os autores: “Este é o primeiro registro de um Auto encenado no Brasil que, com adaptações diversas, foi se repetido por toda a costa brasileira, em aldeamentos jesuíticos como São Lourenço [Niterói] e São Vicente [São Paulo], Reis Magos [Espírito Santo], entre outros” (Silva, 2006 *apud* Torres; Cavalcante, 2008, p. 201).

De acordo com Câmara Cascudo (1998), conforme citado por Torres e Cavalcante (2008, p. 201), foi registrada por Nuno Marques Pereira a presença de Grupos de Reis no estado da Bahia na segunda década do século XVIII, onde se encontrava em uma noite de Santos Reis, vários homens com instrumentos se apresentando para os moradores em troca de dinheiro, doces, frutas etc. A partir de então foram se diversificando as maneiras de se manifestarem conforme o aumento da colonização, com influência de elementos das culturas negra e indígenas. (Torres; Cavalcante, 2008, p. 202).

Com isso, os autores destacam que a maneira como essas manifestações foram se espalhando, conforme as diferentes culturas e formas de se apresentarem atribuídas pelos povos negros e indígenas, resultou em casos considerados como profanação. Como resultado disso, a

igreja reprovou e impediu a entrada desses grupos no interior das igrejas. Ainda segundo os autores:

> Na década de 1980, com a vinda do Papa João II a Santo Domingo (América Central), houve, contudo, uma mudança dessa postura eclesial. A partir daí, a igreja Católica, através do processo de inculturação, abriu novamente suas portas a essas manifestações populares, reaproximando-se, assim, de seus seguidores, dando um novo impulso às Festas dessas tradições de Reis (Torres; Cavalcante, 2008, p. 202).

Segundo Torres e Cavalcante (2008) essas manifestações de cunho natalino são fortemente influenciadas pelos costumes religiosos manifestados por ternos e grupos conhecidos como "Reisado". "[...] O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo" (Câmara Cascudo, 1998 *apud* Torres; Cavalcante 2008). Destaca Torres e Cavalcante (2008) diversos grupos como: Chegança, Marujada, Taieira e o Ticumbi são chamados de Reisados, e são autorizados a fazer parte das Festas de Santos Reis, embora não sigam a temática dos Reis Magos ou do nascimento de Jesus.

Sobre o surgimento do Terno de Reis no Brasil, o mesmo faz parte de uma cultura religiosa de origem portuguesa trazida para o Brasil desde a colonização e mantida até os dias atuais através de grupos de pessoas que mantiveram tal costume. Conhecido também como Folia de Reis ou Reisado, em muitas cidades do Brasil organizam os festivais de Ternos de Reis que são eventos para a apresentação dessa prática cultural, promovendo a preservação da tradição, que por sua vez, proporcionam momentos de alegria, devoção, entretenimento e conscientização para as novas gerações sobre a importância de manter vivas as tradições populares.

O grupo de Terno de Reis é composto por até 12 pessoas que cantam e tocam instrumentos com devoção religiosa ao nascimento de Jesus Cristo e aos Três Reis Magos. Normalmente, a atuação do Terno de Reis se inicia todo ano no Natal, se estendendo até o dia 6 de janeiro, data em que se comemora o dia de Santo Reis podendo se estender dependendo do costume da localidade. Durante esse período, os reiseiros fazem visitas às casas das pessoas de sua comunidade com canções religiosas celebrando o nascimento do menino Jesus, como diz Borges:

> [...] É um cortejo religioso que se inicia junto com as comemorações de Natal e segue até o Dia de Reis podendo se estender durante o mês de Janeiro, classificada sobretudo no Brasil como manifestação folclórica, comemorativa da festa religiosa da Epifania do Senhor ou Teofania, que se caracteriza por celebrar a Adoração dos Magos assim reproduzindo a viagem para adorar o menino Jesus (Borges, 2021, p. 24).

Ao participar de diversas apresentações dessa prática cultural, notei que em alguns Ternos de Reis a quantidade de membros é reduzida, pois cada grupo carrega suas próprias características e se organiza de acordo com a quantidade de instrumentos que utiliza. Incluindo o integrante que fica responsável pela bandeira, há formações compostas por sete participantes na qual cada um fica responsável por seus instrumentos, como zabumba, reco-reco, duas flautas, pandeiro e caixa de percussão. Em alguns casos o número de participantes aumenta pelo fato de acrescentarem outros tipos de instrumentos.

Essa manifestação cultural tem um papel devocional no qual vários participantes e pessoas das comunidades acompanham como forma de agradecimento pelas bençãos recebidas. Como ressalta Borges acerca dos participantes, "Eles passam a integrar a folia por um período como forma de agradecimento... muitos deles criam um vínculo que é passado de geração em geração" (Borges, 2021, p. 28).

Uma das principais características dos Ternos de Reis é o cuidado ao enfeitar seus instrumentos e suas bandeiras, nas quais são adicionadas imagens de santos ou de Jesus. Normalmente os integrantes gostam de utilizar cores vibrantes para embelezar suas roupas, os instrumentos e a bandeira para chamar atenção de quem assiste no intuito de demonstrar o ato religioso. Como aponta Borges, "o uso de cores vibrantes e elementos contrastantes é uma das principais marcas desta festividade que desperta o interesse desde admiradores aos seus devotos" (Borges, 2021, p. 28).

A meu ver, o Terno de Reis constitui um momento no qual são compartilhados saberes e valores. Quando observo pessoas reunidas em torno dessa prática cultural, percebo a generosidade do povo, o entretenimento, a devoção religiosa, a inclusão social e a valorização de uma cultura que tem muitos ensinamentos e riquezas para a sociedade

Essa reflexão permeia toda esta tentativa de realizar uma abordagem do Terno de Reis visando compreender a sua importância cultural e propor a inserção de aspectos desta prática cultural na educação das pessoas. Além de observar os aspectos históricos elencados, este trabalho deve aprofundar na compreensão dos aspectos simbólicos e educacionais do Terno de Reis. Para isso, foi orientado pela busca por responder a seguinte questão de pesquisa: como a cultura do Terno de Reis pode ser trabalhada na Educação, contribuindo na transmissão dos saberes populares para/com os aprendizados dos alunos?

Além da questão de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos nortearam a realização da pesquisa. Nesse sentido, busquei compreender como a cultura do Terno de Reis pode ser inclusa na Educação, visando sua contribuição para os aprendizados dos alunos. Na realização do objetivo geral, pude contemplar os objetivos específicos: descrever sobre a

história do Terno de Reis na Fazenda Boa Sorte do município de Caetité; pensar a correlação da cultura do Terno de Reis como contribuição para a Educação; valorizar e manter a cultura do Reisado na região de Caetité-BA.

A realização da pesquisa aconteceu na cidade de Caetité – BA onde foi observado o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte do distrito em Pajeú do Vento. O território que se localiza a cidade foi povoado inicialmente por diversos grupos indígenas, como os tupinaés, maracás e os aracapás. Localizada no sertão da Bahia, a cidade de Caetité possui uma rica trajetória histórica que envolve tanto a cultura local, bem como a área da educação. De acordo com as informações divulgadas pelo site da Prefeitura Municipal de Caetité, o município está localizado a aproximadamente 645 km de Salvador, sua população gira em torno de 52 mil habitantes conforme comprovado no ano de 2015 (Prefeitura Municipal de Caetité, 2025).

Caetité foi palco de grandes acontecimentos históricos, como por exemplo a sua participação nas lutas pela Independência da Bahia. Também foi berço de pessoas conhecidas nacionalmente e internacionalmente, como o educador Anísio Teixeira, o político Cezar Zama, e o cantor Waldick Soriano.

Observando a prática cultural do Reisado, busquei compreender a sua contribuição para o contexto da educação no município. Realizei uma análise aprofundada da história do Terno de Reis na Fazenda Boa Sorte, situada no município de Caetité, investigando suas origens, significados e influências na comunidade local. Além de explorar as possibilidades de inclusão do Terno de Reis na educação das pessoas, considerando suas potencialidades como recurso pedagógico para promover o desenvolvimento integral das crianças. Espera-se também, com a realização da pesquisa, contribuir com a valorização dessa prática cultural, bem como com o fortalecimento de sua comunidade e para a promoção de uma educação mais inclusiva, diversificada e significativa, que possa transmitir conhecimentos e experiências para colaborar com o entendimento de suas raízes culturais.

Para dar início às reflexões que envolvem uma prática cultural tal como o Terno de Reis em sua relação com a educação, é preciso destacar que este trabalho adota a perspectiva antropológica, pois é por meio desta ciência que se faz possível analisar os modos de vida e as práticas simbólicas de diferentes grupos sociais. A realização deste trabalho envolveu a pesquisas em alguns bancos de dados, tais como a biblioteca física e online da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Google Acadêmico e SciELO, livros e textos disponibilizados pela orientadora para contribuir nas discussões sobre o tema. Além da pesquisa exploratória a partir das fontes bibliográficas, foi realizada uma pesquisa de campo durante a manifestação do Reisado e em espaços que remetem à cultura do Reisado, como o Museu do Alto Sertão da

Bahia (MASB). Durante as visitas, foram realizadas entrevistas com pessoas da comunidade e membros do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte com intuito de absorver ao máximo todo significado e compreensão da cultura do Reisado através do contato com as pessoas e sua manifestação cultural.

Um último aspecto merece atenção nesta introdução. Durante a pesquisa, realizei uma entrevista com a minha avó materna, a Sr.ª Helena dos Santos Souza, conhecida socialmente como Helena, ou "Lena", apelido pelo qual é conhecida pelos mais próximos. A Sr.ª Helena tem 71 anos de idade e é uma mulher de pele preta, se identifica pela religião católica, estudou até a 4ª série do ensino fundamental I e tem uma trajetória de vida marcada pela cultura do Reisado em sua comunidade onde viveu boa parte do tempo desde o seu nascimento.

Atualmente a Sr.ª Helena é líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte e tem uma vivência bastante rica nessa tradição da cultura popular, na qual faz parte do grupo de reiseiros de sua comunidade tocando flauta, instrumento de sopro conhecido como gaita por todos os integrantes do Terno de Reis. No entanto, considerando a formalidade da pesquisa acadêmica, irei chamá-la pelo seu nome social ao longo do texto.

As observações de campo e as compreensões tecidas ao longo da pesquisa encontram-se sistematizadas neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que está organizado a partir da introdução intitulada "Viva ao Santo Reis: aspectos introdutórios". Em seguida, na segunda seção, intitulada "Reis de entrada: fundamentos teóricos para a compreensão de noções de rito, cultura popular e educação", apresenta-se o referencial teórico do trabalho dividido nas subseções "A noção de rito", "Cultura popular" e "Cultura popular e educação". A seção 3 traz a metodologia e a descrição da coleta de dados realizada durante a pesquisa de campo, contendo observações, diálogos e entrevistas com os participantes. Esta seção tem como título, "Um giro em busca da compreensão dos Ternos de Reis em Caetité" e está subdividida em: "Acompanhando o 37º Encontro de Ternos de Reis e Violeiros em Caetité", "Vivências de uma líder do Reisado", "O olhar de pesquisadores e suas práticas para a preservação do Reisado" e "Terno de Reis na escola: experiências dos alunos na Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira".

Na seção 4, são apresentadas as análises e reflexões sobre a importância e origem do Terno de Reis na comunidade da fazenda Boa Sorte. Esta seção tem como título "A contradança: olhares e interpretações" e está dividida nos tópicos "Caminhos percorridos rumo a uma interpretação do Terno de Reis" e "Diálogos interpretativos: sentidos e significados do Reisado". Dando sequência, na seção 5 temos as considerações finais, com o título: "Viva aos reiseiros: considerações sobre a cultura do reisado e a educação". Esta última seção traz uma

reflexão sobre a importância da integração da cultura regional na educação como ponto principal para a construção das identidades socioculturais e valorização da cultura local. Por fim, são apresentadas todas as referências utilizadas durante a realização deste trabalho.

2 REIS DE ENTRADA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DE NOÇÕES DE RITO, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

No Reisado, quando os Ternos de Reis saem para fazerem os giros pelas casas de suas comunidades, ao chegar em uma determinada residência começam a cantar e tocar a cantiga conhecida por eles como Reis de Entrada, que consiste em um pedido de autorização ao dono da casa para que eles possam fazer suas apresentações ali. Durante a música, o dono da casa autoriza a apresentação do Terno de Reis com gesto: abrir a porta de sua residência. Feito isso, os Ternos de Reis se sentem autorizados em fazer suas apresentações naquela residência. Relacionando a forma de iniciar uma apresentação do Reisado com este trabalho acadêmico, intitulo essa sessão teórica incluindo o nome da primeira canção cantada durante a apresentação de um grupo de Reiseiros. Com o "Reis de entrada" recorro aos fundamentos teóricos que me autorizam a compreender a importância da cultura popular do Reisado e seus desdobramentos na educação.

Esta seção aborda o conceito de rito, além de ideias e concepções importantes para compreendermos o significado dos diversos modelos de rituais e de como eles fazem parte na vida das pessoas. Trago este conceito pelo fato de que o rito consiste em uma representação social que funciona como uma espécie de suspensão cotidiana que não se refere apenas a celebrações e tradições religiosas, mas representa também laços de pertencimento e crenças entre os participantes de sua realização. Para fundamentar esta discussão, serão apresentadas as concepções de Victor Turner, Émile Durkheim, Arnold Van Gennep, Mariza Peirano e Roberto DaMatta. Estes autores contribuem para ampliar a compreensão de como as práticas culturais são carregadas de significados.

Em seguida, a seção destaca a importância da cultura popular como elemento fundamental para a construção da identidade de um grupo social. Com isso, trago conceitos de DaMatta (1997) que discute como essas culturas contribuem para a sociedade. Além disso, temos a discussão sobre os ritos de passagem e como eles revelam as tensões entre o cotidiano, como por exemplo: o Carnaval que é uma festa informal, mas que se encerra de maneira séria na Quarta-feira de Cinzas.

Por fim, esta seção se encerra com uma discussão entre a cultura popular e a educação, destacando como os saberes populares contribuem no processo educativo das pessoas bem como sua importância para uma educação humanizada e democrática.

2.1 A NOÇÃO DE RITO

Antes de tratar da noção de rito, é importante apresentar a noção de cultura. O Dicionário Online de Português define que Cultura é “conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras: a cultura inca; a cultura helenística” (Cultura, 2024). Desse modo, podemos entender que a cultura está ligada a manifestações de tradições, crenças e valores de uma pessoa o grupo ao qual ela pertence.

Aproximando a definição ao campo das ciências sociais, a cultura pode ser conceituada através de símbolos e significados utilizados pelas pessoas. Esses símbolos podem ser caracterizados como objetos, gestos, costumes, formas de se comunicar ou tudo aquilo que para uma pessoa possa ter um sentido ou significado compartilhado socialmente. Acerca desta definição, afirma Clifford Geertz:

> O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 1981, p. 4).

Desse modo, ao se tratar de elementos representados através da música, vestimentas, instrumentos e dos rituais que carregam grandes significados para quem pratica ou acompanha, quando olhamos tudo isso diante do conceito de cultura para Geertz (1981), é possível entender que no âmbito da cultura se constitui uma prática cultural tal como apresentada na discussão sobre os ritos, que carrega uma grande teia de diversos significados e símbolos compreendidos por quem vivencia essas tradições.

Brevemente falando sobre o conceito de ritos e o que eles simbolizam, é fundamental relembrarmos que o Reisado é um rito que possui diversos símbolos e significados. É uma manifestação religiosa que carrega muitas características diversas de acordo com cada localidade do Brasil. Durante a sua realização é possível observar a forma como os integrantes do Terno de Reis se vestem, os instrumentos e suas canções, a dança, o modo como os membros se apresentam e como eles a interpretam. É a partir daí que percebemos como o Reisado vai além de apenas uma manifestação religiosa, mas sim um rito com um conjunto de práticas e simbolismo que se enriquece de significados a partir das ações nele praticadas por quem participa, quem observa ou quem o acompanha.

Dando continuidade à discussão, é importante enfatizar que esses rituais têm um papel crucial quando a questão é compreender a sociedade, pois eles revelam os valores e crenças que

compõem uma cultura e são compartilhados pelos integrantes do grupo cultural. Nesse ponto, de acordo com as abordagens de Geertz (1981), destaco que os ritos são ações ou cerimônias que adentram em um significado muito além de serem somente ações de forma externa, mas sim um processo que contém valores e crenças de um grupo que são fundamentais para compreender as suas origens.

Para entendermos uma ou até mesmo um grupo de pessoas, precisamos compreender suas culturas, pois é a partir daí que desvendaremos suas identidades, suas crenças e seus princípios. Por isso reafirmo que o ritual não se caracteriza somente em um ato que é realizado só por fazer, mas sim algo que representa muito além disso. Está relacionado à maneira de como uma sociedade é organizada e como as pessoas se relacionam. Esta concepção ganha ênfase no pensamento do antropólogo Victor Turner (2013), em seu livro "O processo ritual: estrutura e antiestrutura". Recorrendo às afirmações de Morgan, Turner enfatiza que os rituais não são apenas ações externas, mas sim manifestações movidas por valores e crenças, como podemos observar no trecho:

> Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (Morgan *apud* Turner, 2013, p.19).

Outro ponto importante é que os ritos contribuem fortemente para relembrar os membros de uma sociedade dos valores e para firmar que eles continuem vivos em seus imaginários, evitando assim que desapareçam no decorrer do tempo. Durkheim (2021) em seu livro "As Formas Elementares da Vida Religiosa" descreve os ritos como práticas que trazem o passado à vida, conectando a memória coletiva do grupo ao presente por meio de uma dramatização simbólica. O mesmo pontua que "O rito consiste unicamente em relembrar o passado e torná-lo presente de certo modo, por meio de uma verdadeira representação dramática [...]" (Durkheim, 2021, p. 405). Diante disso, é compreensível que o rito é uma lembrança passiva do passado, mas uma dramatização ativa que dá vida às crenças de uma sociedade.

> Através dele, o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais. As gloriosas lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários dão-lhes uma impressão de força e de confiança: as pessoas ficam mais seguras em sua fé quando veem a que ponto no passado longínquo ela remonta e os grandes feitos que inspirou [...] (Durkheim, 2021, p. 409).

O papel dos rituais para uma sociedade consiste em fortalecer laços entres seus membros. Ao participar de um ritual, a pessoa que já tem o costume de praticá-lo reafirma sua identidade, seu estado espiritual e reforça seus sentimentos de confiança com seu grupo. Diante disso, conceituo que rito pode ser compreendido como uma expressão cheia de símbolos e significados próprios por meio de crenças compartilhadas em seus próprios objetivos, sejam eles espirituais, emocionais ou sociais. Os ritos realizados por cada indivíduo durante os dias de sua vida contribuem muito para o sentimento de sua liberdade, fortalecimento e uma vida mais leve e menos tensa. Acerca deste aspecto, afirma Durkheim: "porque nos pusemos em contato com uma fonte superior de energia, mas também porque nossas forças se revigoraram ao viver, por alguns instantes, uma vida menos tensa, mais agradável e mais livre [...]" (Durkheim, 2021, p. 417).

Segundo o Dicionário Online de Português (2025) rito é definido como "conjunto das regras das cerimônias que se praticam numa religião […]". Já ritual é definido como "reunião das ações, das práticas, dos ritos que compõem uma cerimônia, religiosa ou não.". Ou seja, o rito envolve diversos tipos de ações, vai muito além do que somente gestos e envolve a forma de como deve ser feito, seja ela religiosa ou não.

Para exemplificar rito, podemos utilizar o casamento entre duas pessoas, ou até mesmo um aniversário. No casamento a noiva se veste de branco, tem o hábito de se atrasar para entrar na igreja, há uma arrumação de flores decorativas, segura o buquê e arremessa no final do casamento e tantos outros gestos. No aniversário, o aniversariante tende a cantar os parabéns antes de cortar o bolo, acende-se velas, recebe presentes e felicitações para uma longa vida. Ou seja, o rito envolve as ações e gestos que devem ser seguidos dentro de um contexto religioso ou cultural. São diversas ações ou práticas que acontecem durante uma cerimônia, haja vista que o ritual é atribuído na maioria das vezes em atos religiosos, mas também pode ser aplicado amplamente na vida social e em diversos momentos na vida de alguém.

Ao destacar alguns rituais em seu livro, Turner (2013) afirma que "cada um dos episódios é carregado de simbolismo", e ressalta que, "[...] Um único símbolo, de fato, representa multas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco. Seus referentes não são todos da mesma ordem lógica, e sim tirados de muitos campos da experiência social e de avaliação ética [...]" (Turner, 2013, p. 71). Diante disso é compreensível que os ritos carregam diversos símbolos para quem os pratica e quem os vivencia. Esses símbolos podem ser interpretados tanto individualmente, quanto coletivamente e com muitos significados diferentes interligados aos seus cotidianos, suas crenças e ao modo de compreender cada símbolo de seus rituais. Desse modo o rito pode ser considerado como uma prática cultural que conecta uma

pessoa com a outra, com a sua comunidade ou seu grupo social e que permite à mesma fortalecer e reconhecer suas crenças reforçando ainda mais os seus valores.

Acredito na importância que os rituais estabelecem em nossas vidas pois nos ajudam a dar sentido e entender muitas coisas em nossa volta. A esse respeito, afirma DaMatta na introdução do livro *Ritos de Passagem* de Van Gennep:

> As cerimônias, como muito bem percebeu Van Gennep, são como as etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial, mesmo quando o quadro que ela determina, circunscreve e torna consciente, é banal ou mesmo cruel. E, de fato, nós fazemos ritos quando amamos e fuzilamos; do mesmo modo que existem ritos marcando a expropriação e mesmo a opressão e a tortura, como não faltam atos e teatros revolucionários, messiânicos, libertários, todos anunciando como um aríete um novo mundo, uma nova madrugada livre de maldade e de exploração. O rito, assim, também enquadra – na sua coerência cênica grandiosa ou medíocre – aquilo que está aquém e além da repetição das coisas "reais" e "concretas" do mundo rotineiro. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inseparável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade (Van Gennep, 2013, p. 9).

Desse modo entendemos a partir do que aponta Van Gennep (2014) que os ritos nos conectam com o mundo e que podem se configurar em diferentes etapas, sendo elas como ações positivas ou até mesmo violentas. Isso fica claro no trecho em que o autor menciona as expressões "é banal ou mesmo cruel", demonstrando que os ritos podem ser observados tanto nos momentos em que demonstramos amor ou em situações de tortura. Além disso os ritos estão associados ao que é real, concreto, bem como ao que é imaginário e também às nossas emoções, como por exemplo as tarefas básicas que fazemos no dia a dia, nossas crenças e sentimentos. Isso mostra como os ritos podem nos fazer refletir sobre nosso modo de viver e de como vivemos com a sociedade.

Van Gennep (2013) considera como "Ritos de Passagem", as cerimonias que marcam a mudança do estado de um para outro, seja ele social, cultural ou religioso, mudanças essas como o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte. O mesmo diz:

> É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. [...] Aliás, o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras. Daí a semelhança geral das cerimônias do nascimento, da infância, da puberdade social, noivado, casamento, gravidez, paternidade iniciação nas sociedades religiosas e funerais (Van Gennep 2013, p. 24).

A partir dessas transições, Van Gennep (2013) classifica o rito de passagem em três categorias especiais, tais elas como; “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”. No entanto, esses ritos não acontecem em um mesmo grupo de pessoas, nem mesmo em uma manifestação cultural, por exemplo, os ritos de separação acontecem em cerimonias de funerais, ritos de agregação em casamentos e ritos de margem nos noivados, gravidez, no segundo parto, novo casamento e até mesmo na passagem de uma classe de idade para outra, como de jovem para idoso etc. Já para Turner (2013) os ritos estão divididos entre "liminaridade", que diz respeito a um momento de transição, ou seja, passar de um estado para o outro, e "communitas", quando há a homogeneidade, que se refere a se tornar indivíduos totalmente iguais. Essas definições são consideradas por Turner (2013) como ferramentas significantes para o entendimento dos ritos.

Peirano (2002) Pontua a significação dos mitos e ritos, chegando à conclusão de que os mitos fazem parte do campo da racionalidade, o pensar sobre o fazer. O mito está ligado à língua e associado às representações. Já os ritos, consistem em algo empírico, voltado para as práticas e ao viver. Sob o prisma de Edmund Leach (1966), Mariza Peirano aponta as contribuições que o mesmo dá quanto aos rituais. Surge então a concepção de comportamentos e a reflexão sobre quais dentre estes se aproximariam mais do termo ritual.

Diante disso, existem três comportamentos declarados por Leach (1966), sendo estes o racional-técnico, o comunicativo e o mágico. A partir da construção desta teoria foi possível compreender que o ritual é compactado ao mito, porém essa excessiva homogeneização retirou as características de cada um destes comportamentos. Neste sentido, Peirano (2002) interpreta as concepções de Mauss (1974), que propõe que estes atos e representações não se distanciem, mas que sejam indissociáveis. Além disso, pontua o autor, é de suma importância que também sejam incluídas à esta reflexão as noções de crença (Mauss, 1974 *apud* Peirano, 2002). A partir dessa discussão, compreendo que, ao nos apresentar esta antropologia do termo ritual, a autora busca primeiro expor e exemplificar diversos outros termos que se complementam.

Surge então o termo eficácia para contribuir com esta linha de raciocínio. Segundo Durkheim (2021), as representações (mitos) seriam concretizadas, ou seja, teriam eficácia a partir dos atos (ritos). De acordo com Peirano (2002), os ensaios teóricos de Tambiah (1996) são o que melhor apresentam a busca por essas definições, a partir do momento em que não oficializa um significado absoluto para estes termos. Para ele, o significado de ritual é relativo porque varia de acordo com cada contexto.

Ao apontar como a noção de ritual pode ser vista atualmente, Peirano (2002) diz que:

> Hoje podemos continuar a fazer uso da noção de ritual, mas em sentido ampliado, expandido, tornando-o instrumental analítico para eventos críticos de uma sociedade. Rituais indicam-nos o caminho das cosmologias, quer daquelas um dia consideradas tribais, primitivas, ou, hoje, modernas (Peirano, 2002, p. 35).

Neste ponto, entendo que a análise dos rituais atualmente se dá por este olhar à pluralidade, que pode ser acessada através da observação ampliada, como afirma Peirano (2002). Além disso, faz-se necessário que, através dessa visão antropológica, se busque aprofundar o entendimento de como os rituais eram considerados no passado e como são considerados na contemporaneidade.

Assim, é possível observar a partir da análise antropológica organizada por Peirano (2002), que, para determinado grupo, o ritual pode ter determinado significado, enquanto, para outro, não. É nesta diferença que vão se construindo concepções que não determinam os rituais em um único fim. Os rituais podem sim seguir a padrões comuns, mas isso não os impede de possuir suas particularidades. Com isso, Peirano (2002) elucida que Tambiah transpõe a concepção do exótico na ideia de que rituais, que para o coletivo podem ser incomuns ou estranhos, podem ser ressignificados no cotidiano.

2.2 CULTURA POPULAR

No Brasil, os rituais se multiplicam, formando uma diversidade cultural que enriquece o país em diversas manifestações que vão além dos atos religiosos, mas também envolvem senso de pertencimento e identidade. De certo modo, por participarem da tessitura de uma sociedade, os rituais se caracterizam como uma porta de entrada para a compreensão dos valores socioculturais. Para entendermos profundamente o que configura o rito, precisamos de uma análise que permita compreender como os rituais estão entrelaçados ao contexto histórico e cultural de uma comunidade. Acerca desta questão, o antropólogo Roberto DaMatta (1997) ressalta que, “é o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais ‘eternos’” (DaMatta, 1997, p. 29). O mesmo quer dizer que essas cristalizações nos rituais são simbolismos para a preservação e transmissão de valores para o reforço de suas crenças.

DaMatta (1997) faz uma relação entre o evento do Carnaval, as paradas militares e as procissões, trazendo alguns conceitos importantes como por exemplo os de formalidade e informalidade. O autor expõe o porquê de as paradas militares serem consideradas como rituais formais, enquanto os carnavais que são despretensiosos e organizados pela própria população

na maioria das vezes não são vistos como rituais pelo fato de as pessoas perpetuarem a concepção de que os rituais precisam ter uma organização padronizada.

Com isso, DaMatta (1997) contextualiza os rituais no Brasil, como eles se constituíram até a atualidade. Segundo o autor, toda a sociedade é afetada diretamente por esses eventos que ocorrem fora do cotidiano, mas, ao mesmo tempo, são realizados pela própria sociedade. Deste modo, rituais formais como os funerais, cerimônias e entre outros, são rituais que possuem um foco principal para protagonizá-lo. Já nos eventos informais, há uma certa descentralização da sociedade, pois nestes a festa não acontece em prol de uma única pessoa ou objeto, mas é feita por todos e para todos.

De acordo com DaMatta (1997) o rito consegue transformar, ressignificar e unificar uma ação particular em universal, individual em coletivo e regional em nacional, como quando se celebra a independência de um país, tornando o evento particular em universal, até mesmo quando se realiza uma festa regional que homenageia um santo, uma manifestação de Terno de Reis etc. como um símbolo regional que ao mesmo tempo se torna nacional.

DaMatta (1997, p.31) ressalta que o rito "constitui em manifestar aquilo que se deseja perene ou eterno" e destaca o carnaval no Brasil como uma espécie de ritual coletivo que demonstra a identidade brasileira. O momento do festejo do carnaval pode representar todo o país por envolver inúmeros fatores sociais e históricos, combinando e recombinando ações invertidas interpretadas por pessoas que expressam por meio de personagens, gestos ou roupas características. Tal dinâmica permite a indivíduos de diferentes classes sociais e gêneros a realização de papeis que simbolizam o cotidiano que os mesmos vivem se fantasiando das diversas formas que retratam a nação e sua sociedade. DaMatta (1997) relaciona o carnaval ao futebol, por serem culturas extremamente fortes no Brasil e ressalta que o futebol depende de vitórias para que haja comemoração, já no carnaval, por se tratar de uma festa, se comemora independente de resultados. Apesar dessa diferença, ambas as culturas nos fazem gritar, pular, sentir emoções de alegrias e fazer parte de uma nação como todo através dos símbolos daqueles rituais.

O foco que Roberto da DaMatta traz para as festas que ocorrem no Brasil é muito interessante e se articula com o tema deste trabalho por ter uma atenção especial para o extraordinário, que no caso seria uma contraposição ao cotidiano. Desse modo, DaMatta (1997) utiliza estes exemplos para poder contextualizar de forma específica o que são estes ritos, porém o mesmo faz essa contraposição entre o Carnaval e o Dia da Pátria por estarem em pontos diferentes, um na formalidade e o outro na informalidade. O fato de que cada um desses rituais

faz parte de grupos diferentes e específicos também contribui com a consolidação desta reflexão.

Até mesmo as vestimentas usadas nestes eventos quando se observa determinado ritual é algo importante a ser considerado, haja vista que cada ritual utiliza uma roupa específica. No Dia da Pátria por exemplo, DaMatta (1997) cita que são utilizados uniformes, já no Carnaval são usadas fantasias, então na questão da coerência entre o conteúdo e o continente é fulcral um olhar atento às vestimentas, mostrando que a veste demonstra a posição que ocupa no cotidiano.

Diante das afirmações de DaMatta (1997), acredito que seja importante pontuar o fato de que essas vestimentas formais buscam demonstrar o papel que a pessoa desempenha na realidade, ao contrário das vestimentas carnavalescas em que as pessoas buscam representar o que desejam ser, a partir destes papeis existentes no cotidiano, surge então um papel ali com um desejo oculto que essa pessoa possui. É exatamente essa contraposição entre o exótico e o familiar que faz com que o carnaval seja considerado como um rito nacional.

Outra questão chamativa é a do rito de passagem, segundo DaMatta (1997, por mais que o dia da Pátria seja um evento formal e o carnaval idealmente seja um evento informal, durante o período da finalização destes eventos podemos perceber a capacidade de mudarem a sua constituição, ainda citando o Dia da Pátria que se transforma em uma festa ao ser finalizado, enquanto o Carnaval transforma-se em algo sério, findando na Quarta-Feira de Cinzas. É apontado assim que os rituais nacionais funcionam como uma forma de mostrar o que a sociedade brasileira considera como importante.

É importante ressaltar que estas definições não padronizam de forma conceitual os termos ritos e rituais, pois, bem como observado anteriormente, cada ritual possui sua especificidade e sua particularidade. Essa é apenas uma análise do que DaMatta (1997) pensa em relação a estes dois eventos, incluindo também a questão dos eventos religiosos que neutralizam a sociedade, assumindo a perspectiva de que a Igreja iguala as posições, reunindo o povo e as autoridades.

É a partir daí que a cultura popular assume um papel central, visto que elementos como o carnaval, o samba, a religiosidade, o futebol, a figura do malandro e os rituais populares refletem não apenas entretenimento, mas formas relevantes de expressão. Diante disso, tal cultura oferece um espaço no qual o povo finalmente pode se expressar, ainda que simbolicamente, com isso, rituais como procissões, blocos de carnaval, rodas de samba e encontros nos terreiros tornam-se momentos em que o fluxo habitual da vida cotidiana é interrompido, permitindo uma reflexão coletiva abrindo caminho para novas transformações. Desse modo, entre a celebração e a rotina, surge a possibilidade de reinvenção, por isso,

DaMatta (1997) defende que a cultura popular não deve ser vista como mero folclore, mas sim como um campo de análise social, em que os sonhos e conflitos do país se desenrolam.

Dito isso, a cultura popular aparece como um espaço de resistência simbólica e afirmação de suas próprias características. Através dela, os cidadãos encontram meios de afirmar sua existência e seus valores. O samba, por exemplo, nasce das periferias e carrega em sua história as dores, alegrias e contradições da vida no dia a dia. Da mesma forma, os terreiros de religiões se tornam territórios de preservação cultural e espiritual.

Ademais, os elementos culturais podem contribuir com as expressões dos indivíduos e moldar as relações sociais. Ao reunir diferentes pessoas em torno de um mesmo ritual, seja ele uma roda de samba ou uma procissão religiosa, é possível criar e alimentar o sentimento de pertencimento e coletividade. Desse modo, a vivência desses momentos se torna fundamental para a construção e fortalecimento de laços sociais, pois a meu ver, a cultura popular é um espaço de construção de cidadania.

Para compreender a cultura popular como campo de análise social, como propõe DaMatta (1997), precisamos reconhecer sua complexidade e como ela pode ser transformadora. Ela não reflete somente a sociedade, mas também intervém nela, abrindo portas para a crítica e a reinvenção. Assim, a cultura popular deve ser entendida como a base da identidade brasileira que nos possibilita pensar os caminhos a serem seguidos e os conflitos do país em que vivemos.

2.3 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

Para aproximar a discussão sobre cultura popular da reflexão sobre a educação, trago alguns pensamentos fundamentais de autores presentes na obra organizada por René Marc da Costa Silva (2008) denominada: “Cultura popular e educação: salto para o futuro”. Tal obra aborda a importância de considerar as práticas e saberes das comunidades como algo que constrói o conhecimento das pessoas por meio de uma pedagogia democrática.

Silva (2008) reflete em sua obra sobre a importância de a escola valorizar a cultura popular destacando que as manifestações culturais têm grande força para o ambiente educacional. Para Silva (2008), as manifestações culturais oferecem a oportunidade de construir uma educação humanizada, além de enriquecer o processo educativo.

A cultura popular é um sistema de saberes que se constrói coletivamente e, por isso, se torna um fundamento essencial para a humanização das práticas educativas. A partir das palavras de Silva, observa-se a proposição de “Uma escola apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não mais pura e simplesmente reprodutora de aprendizado

técnico" (Silva, 2008, p. 16). A partir desta proposição, pode-se compreender que a escola pode ser um espaço de convivência multicultural, capaz de valorizar e integrar saberes diversificados ao mesmo tempo respeitando a diversidade cultural e combatendo as práticas pedagógicas repetitivas e métodos tradicionais de ensino.

Em outro capítulo, ao ler que "Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender [...] cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade" (Brandão, 2008, p. 33), entendemos, a partir da concepção do autor, que o ser humano não é somente um receptor de conhecimento, mas um ser ativo que produz saberes e carrega uma bagagem de experiências. Essa concepção transpassa a visão de que o educador é o único detentor de conhecimento. Nessa perspectiva, entendo que ensinar e aprender podem ser práticas com muitas possibilidades a serem exploradas.

Quando Brandão afirma que "uma mulher 'analfabeta' é uma pessoa 'letrada' nos muitos outros saberes e sabedorias de sua vida e sua cultura" (Brandão, 2008, p. 34), há um rompimento na visão de que o conhecimento de uma pessoa se restringe ao letramento ou sua alfabetização. Isso nos faz refletir que o conhecimento de um povo não pode ser desvalorizado pelo simples fato de não ser alfabetizado, mas que é formado por saberes de profunda relevância para a vida coletiva social.

Brandão (2008, p. 37) reflete sobre o rumo da educação quando afirma que "A educação que tanto revê os seus currículos ganharia muito em qualidade se fosse capaz de realizar algo mais do que uma simples revisão". Desse modo, compreendo que Brandão se refere ao papel da escola como um lugar que não transmita conteúdos padronizados, mas sim como um ambiente que possa acolher os saberes e experiências culturais. É por meio dessa concepção que Brandão (2008, p. 37) propõe "reintegrar e fazer interagirem as diferentes criações culturais do espírito humano, com um mesmo valor. Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física." para que haja uma formação mais rica e significativa.

Por fim, Brandão (2008) vê a necessidade de valorizar os saberes populares como uma forma de produção e compartilhamento de conhecimento quando diz, "o que importa é reaprender com a arte, com o imaginário e com a sabedoria do povo – dos vários povos do povo – outras sábias e criativas maneiras de viver, e de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e das culturas do povo" (Brandão, 2008, p. 38). Através desse olhar, o autor considera necessário que as práticas educativas deixem de ser centradas no letramento e se voltem às culturas populares, nos saberes e experiências humanas e que contribuam para a construção de uma sociedade sensível às realidades de seus sujeitos. É nessa perspectiva que

agora nos aproximaremos dos Ternos de Reis de Caetité, pensando nas suas singularidades culturais e considerando todo o seu potencial para a educação e a sociedade.

3 UM GIRO EM BUSCA DA COMPREENSÃO DOS TERNOS DE REIS EM CAETITÉ

Os Ternos de Reis fazem um giro pelas casas nas comunidades. Esse giro é uma visita com direito a músicas e danças que remetem à religiosidade, mais especificamente o nascimento de Jesus Cristo como forma de devoção, fé e bençãos para as pessoas. Nesta seção, apresento relatos do processo da minha pesquisa de campo. Como um giro em que os Reiseiros fazem em suas comunidades, aqui apresento um giro em busca de entrevistas e diálogos com membros do Terno de Reis, pesquisadores e espaços onde essa cultura se faz presente. A partir do relato dessas oportunidades e encontros de pesquisa, trarei um pouco sobre a história de como surgiu o Terno de Reis na Fazenda Boa Sorte, que fica localizado na zona rural do município de Caetité/BA, observando como o grupo se formou, como a tradição foi passada através das gerações, importância do Reisado para as pessoas que residem nesse lugar e de que maneira essa tradição se faz significativa para a comunidade local. Trago também o olhar para o interesse a respeito da cultura popular que tem sido despertado nos campos da cultura, arte e educação, que pode ser observado nas entrevistas realizadas.

3.1 ACOMPANHANDO O 37º ENCONTRO DE TERNOS DE REIS E VIOLEIROS EM CAETITÉ

No domingo, dia 12 de janeiro de 2025 ocorreu o XXXVII Encontro de Ternos de Reis e Violeiros de Caetité e região, um evento tradicional da região que teve como tema, “Fé, Cultura e Tradição alegrando o Sertão!”, onde se reuniram vários Ternos de Reis e violeiros de diversos locais do município e de cidades vizinhas. Como parte da pesquisa, acompanhei um dos Ternos de Reis durante todo o seu percurso.

O meio de transporte utilizado foi uma van que saiu de Caetité com destino à fazenda Boa Sorte que se localiza próximo ao distrito Pajeú do Vento, em busca do Terno de Reis conhecido como “Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte.” Como a maioria dos integrantes mora na fazenda que nomeia esse Terno de Reis, a van fez sua primeira parada neste local por volta das 6h30 da manhã. No caminho em direção a Caetité, o motorista fez uma parada em Pajeú do Vento, local onde eu esperava e logo mais à frente outro integrante. O total de membros que integraram o terno naquele dia foi nove pessoas, que levaram seis instrumentos: 2 flautas, 1 caixa percussiva, 1 zabumba, 1 reco-reco e 1 pandeiro. Com os integrantes na van, seguimos viagem e chegamos no destino por volta das 7h da manhã.

Chegamos em Caetité e aguardamos a chegada da Sr.ª Helena dos Santos Souza, líder do terno, ao local em que esperávamos. Ela mora em Guanambi e chegou acompanhada de seus netos, filho e nora, contabilizando ao todo 17 pessoas. Assim que todos estavam juntos no local marcado, a líder do Terno de Reis começou a distribuir novas camisas que foram feitas por encomenda, como acontece em todos os anos antes da época natalina. Essas camisas eram amarelas, com pequenos detalhes vermelhos na gola e nas mangas. Na frente estava escrito o nome do Terno de Reis e uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e São José com o menino Jesus no colo.

Depois que todos vestiram as camisas, fomos para a casa de um amigo próximo da Sr.ª Helena para fazer uma apresentação antes de irmos para o evento de Reisado. Assim que chegamos na casa dessa pessoa, o Terno de Reis começou a tocar a primeira música, conhecida como "Reis de chegada" que anuncia a visita dos reiseiros. Em seguida, já dentro da casa os músicos tocaram cânticos de reis, a contradança e outras cantigas do ritual.

Durante as apresentações do Terno de Reis, os reiseiros seguem uma ordem de entrada para os instrumentos ao tocarem as cantigas. De início os gaiteiros dão as tonalidades musicais de cada música tocada; em seguida começam a tocar os instrumentos de percussão como a caixa, o reco-reco e o pandeiro para dar o ritmo; por último, entra o zabumba com o som forte e grave que configura uma das principais características daquele Terno de Reis. Ao tocar todas as cantigas, os músicos introduzem a apresentação com essa sequência de entrada dos instrumentos até o momento em que duas pessoas começam a cantar. Neste momento, uma pessoa fica responsável por entoar a primeira voz enquanto a outra faz a segunda, criando uma combinação vocal e sonora com a junção dos sons dos instrumentos. Quando a cantiga não contém letra a apresentação fica somente por conta dos instrumentos e das danças.

A primeira apresentação teve início do lado de fora da casa com as portas e janelas fechadas. Um dos integrantes do grupo que é responsável pela bandeira ficou com ela nas mãos até o momento em que, entoando a cantiga, o cantor pediu ao dono da casa para abrir a porta e pegar a bandeira. Quando o dono da casa corresponde ao pedido e segura a bandeira, é sinal de que as pessoas que moram naquela casa querem que o Terno de Reis faça apresentações ali. Caso os moradores não desejem que as apresentações ocorram dentro da casa, o grupo de reiseiros finaliza a canção e segue em direção a outra casa.

Figura 1: Apresentação na casa de um amigo - Reis de chegada

Fonte: Autoria própria.

Depois que o responsável pela casa pegou a bandeira, ele aguardou o momento específico em que a letra da cantiga pede que ela seja colocada em um local de destaque na casa. Normalmente, quando há um presépio, também conhecido aqui na região como “lapinha”, a bandeira pode ser colocada neste local. Feito isso, a bandeira permaneceu no local durante todas as apresentações até a canção de despedida. Quando é tocada a última música acontece da mesma forma que na primeira: quando a letra da cantiga pede, o dono da casa que pegou a bandeira a devolve ao integrante do terno responsável por ela. Nessa hora, durante a observação, o integrante responsável realizou um pequeno desfile com a bandeira pelo centro da sala entre os demais integrantes e pessoas que residem na casa fazendo pequenos movimentos acompanhando o ritmo que estava sendo tocado.

Ao finalizar essas apresentações fomos convidados pelos moradores da casa a tomar um café antes de irmos para o evento. Após o café, o grupo se organizou e tocou a última canção conhecida como “Reis de despedida”. Um dos integrantes pegou a bandeira e nesse momento

uma moradora daquela casa beijou essa bandeira, se despedindo com gestos[1] que remetiam sua fé e devoção. Então saímos de um a um enquanto o terno tocava.

Figura 2: Apresentação na casa de um amigo - Despedida

Fonte: Autoria própria.

Assim que finalizaram as apresentações naquela casa, nós fomos para a praça da catedral por volta das 07h30, local onde iria acontecer o Festival de Reis. Quando chegamos vimos que já haviam chegado vários outros ternos que estavam organizados em fila, de acordo com a ordem de chegada. Então entramos na fila para aguardar o início do cortejo. Enquanto aguardávamos, todos os Ternos de Reis se preparavam seja com ensaios ou testes dos instrumentos. Por serem bastante conhecidos entre si, alguns integrantes se aproximavam dos outros ternos e começavam a tocar juntos demostrando alegria de estar ali com músicas e danças.

Esse encontro de reiseiros garantiu uma grande diversidade de Ternos de Reis que vieram das zonas rurais de Caetité e de municípios vizinhos. O público também era variado, formado por crianças jovens, adultos e idosos.

[1] Ao se despedir, a moradora beijou a bandeira e com um olhar que demonstrava profundamente seu respeito e adoração cristã, fez o sinal da cruz como forma de despedida entregando a bandeira ao integrante do Terno de Reis.

De acordo com o site Achei Sudoeste (2025), o evento foi iniciado por Luís Benevides, o idealizador do encontro que mantém viva essa tradição há 37 anos e contou com o apoio da Prefeitura Municipal, da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (SECELT), da Rádio Educadora Santana FM (100,7) e da Paróquia Senhora Santana.

Figura 3: Concentração dos Ternos de Reis na praça da Catedral em Caetité

Fonte: Autoria própria.

O desfile teve início com uma caminhada que partiu da praça e percorreu por duas das principais avenidas da cidade e retorno para a igreja da Catedral. À frente desse desfile havia um carro de som para a transmissão das narrações de Luís Benevides que trazia informações sobre o evento e, ao mesmo tempo, saudava e destacava os grupos de ternos para o público que estava nas calçadas, portas e janelas das casas assistindo à passagem daquele desfile.

Atrás do carro de som havia uma faixa levada por duas pessoas contendo o tema do evento que foi, “Reisado: Fé, tradição e cultura popular alegrando o Alto Sertão”. Em seguida vieram os Ternos de Reis caminhando e se apresentando. Cada grupo destacava suas principais características com cores, vestimentas, instrumentos e vozes.

Um desses grupos, formado por mulheres, chamou atenção pelo fato de estarem de luto pelo falecimento recente de uma de suas integrantes e, mesmo assim, comparecerem ao evento, porém, sem fazer apresentações como forma de respeito e união e para manter a tradição.

O público que estava assistindo em frente às casas começou a acompanhar o desfile juntamente aos Ternos de Reis e demais pessoas que tinham se deslocado de suas moradias para o evento.

Ao chegar na igreja, aproximadamente às 09h, cada Terno de Reis entrou tocando e cantando em direção ao altar onde o padre os aguardava para conceder uma benção. Após a benção, os grupos saíram da igreja e seguiram para a praça onde aconteceriam as apresentações.

Na praça, a abertura oficial foi feita por Luís Benevides e demais organizadores. Logo após a abertura oficial, estes chamaram os Ternos de Reis para se apresentarem de acordo com a ordem de chegada, conforme haviam se organizado. Ao fim das apresentações, cada grupo recebia um bilhete com senha que era destinada ao almoço coletivo.

Enquanto cada grupo esperava ser chamado, os demais ensaiavam sob algumas tendas fixadas no entorno da praça. Como o público ocupou quase todo o espaço destinado para que pudessem assistir às apresentações no evento, muitas pessoas formaram grupos em volta das tendas onde os demais Ternos de Reis estavam ensaiando.

Figura 4: Ensaios antes da apresentação no evento

Fonte: Autoria própria.

Eram aproximadamente 11 horas quando o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte foi chamado para o centro do palco para se apresentar. Nesse momento foi passada a informação,

dada para todos os grupos, de que o tempo estimado seria de até 10 minutos. Então tocaram três músicas com a mesma ordem que apresentaram na casa que foram antes de chegar ao evento, porém na hora de cantar e tocar eles trocaram alguns dos integrantes que se apresentaram naquela casa porque estavam ausentes no momento, provavelmente tocando em outros ternos embaixo das tendas como de costume. Após finalizarem as apresentações, os integrantes do grupo receberam os bilhetes e foram almoçar.

Figura 5: Apresentação no evento

Fonte: Autoria própria.

Por volta das 13 horas, decidimos ir embora pois muitos já estavam cansados pela caminhada e apresentações que fizeram. Então nos reunimos enquanto um dos integrantes foi buscar a caixa de fogos de artifício, o troféu e uma quantia em dinheiro para custear os gastos da ida que foi entregue no festival como acontece em todos os encontros de Ternos de Reis organizados naquela cidade.

Na volta, quando já estávamos aproximando de Pajeú do Vento, um dos membros soltou dois fogos para anunciar a chegada do Terno de Reis. Assim que chegamos em Pajeú do Vento, desci da van e me despedi do restante do pessoal que seguiu em direção a sua comunidade enquanto eu segui para a minha casa.

3.2 VIVÊNCIAS DE UMA LÍDER DO REISADO

Na manhã do dia 15 de maio de 2025, fui até a casa da líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte. Por volta das 9 horas da manhã realizei uma entrevista com ela. A líder do Terno, Helena dos Santos Souza se manifestou o desejo de ser identificada nesta entrevista como "Helena", nome que é acostumada a ser chamada socialmente.

No primeiro momento expliquei que essa entrevista faz parte da minha pesquisa para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Na ocasião, apresentei o tema da pesquisa e meus objetivos, justifiquei o meu interesse de observar o Terno de Reis do qual ela faz parte como meu objeto de pesquisa, ressaltando a relação entre a cultura e educação. Expliquei que busco compreender como as práticas culturais, como a do Reisado, podem ser utilizadas como instrumento pedagógico no ensino e conhecimento ou pertencimento de identidade cultural nas escolas. Em seguida lhe apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que formaliza a autorização do uso das informações coletadas na entrevista. Deixei claro que a sua participação ocorreria de forma voluntária, que ela poderia desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e que ela teria uma cópia do documento para si, podendo lê-lo e assinar apenas se concordasse com os termos daquele documento.

Durante a entrevista, a Sr.ª Helena compartilhou que seu contato com o Reisado teve início na sua infância, pois é uma tradição que constitui a herança cultural da sua família. Seu pai era um dos líderes do Terno de Reis da comunidade que, junto com seus filhos e irmãos, participava das celebrações e apresentações do Reisado. Helena não soube informar há quanto o Terno de Reis da fazenda boa sorte foi fundado, mas analisando as informações passadas por ela, é compreensível que essa manifestação cultural se realiza na sua comunidade há mais de 100 anos, por se tratar de uma tradição mantida por gerações.

Durante a entrevista, a Sr.ª Helena relatou que aprendeu a tocar gaita utilizando o caule de quiabento. O quiabento é uma planta do mato que contém espinhos em sua volta, mas Helena e seus irmãos preparavam esse caule através de um processo que envolvia queimar o quiabento no fogo e depois descascar para, posteriormente, retirar o miolo do caule e transformá-lo em um instrumento de sopro. Assim conta a Sr.ª Helena;

> Aí, no começo, eu comecei, nós começamos com gaita de quiabento. Pegava a gaita de quiabento, que era cheio de espinho, botava no fogo para sapecar, aí descascava, pegava uma varinha, tirava um miolo dele, porque ele tem um miolo no meio, tirava

> um miolo e aí meu irmão fazia as gaitas. Aí eu ia aprender, eu via ele tocando e eu aprendi a tocar (Helena, 2025)[2].

Algo interessante nesse relato, além da técnica artesanal de transformar o caule espinhoso de quiabento em uma gaita é também a forma como o conhecimento implicado na confecção do instrumento e na técnica de tocar era transmitido. Sobre esse ponto, diz a Sr.ª Helena: "E todo mundo foi assim, ninguém pegou para ensinar. Tudo é porque... A pessoa quando tem aquela tradição, aquela raiz, raiz dos mais velhos, não precisa ensinar, não.". Esses aprendizados foram passados de maneira informal, sem anotações ou alguém explicando intencionalmente, e foram apreendidos por meio do convívio, do gesto repetido, através do olhar e da escuta atenta.

Outro relato que chamou minha atenção foi sobre a iniciativa da sua irmã em formar um segundo Terno de Reis. Conhecida como Vande e chamada de Tia Bau pelos familiares, a irmã da Sr.ª Helena se inspirou no exemplo do pai e quis manter viva a tradição do Terno de Reis. Essa iniciativa resultou na criação de um dos primeiros grupos formado em sua maioria por mulheres. Nele havia somente um homem, o Sr. Ivan, conhecido por Guem, filho da fundadora, que hoje está *in memorian*. O grupo liderado por Vande, suas irmãs, filhos e uma sobrinha, quebrou barreiras e paradigmas de uma tradição mantida por homens.

Quebrar essas barreiras não foi fácil. O novo grupo de reiseiras enfrentou resistência por parte da própria família, que inicialmente se negou aceitar a presença feminina em uma cultura historicamente masculina. Mas, mesmo assim eles persistiram e levaram adiante sua ideia de manter o Reisado, demonstrando força e coragem. Assim relata a Sr.ª Helena:

> Ela falou para formar esse grupo, mas só tinha mulher. O povo falava assim, ah, mulher não vai dar certo, não. Como é que mulher sozinha sai cantando reis? Aí ela falou assim, não, mas nós vamos tentar. Aí só tinha o menino dela, de Vande, só para tocar a gaita e o resto era tudo mulher [...] era tudo mulher. E daí para cá, continuou. E graças a Deus, a união sempre junto, que é o que a gente precisa ter, é a união (Helena, 2025).

Vande compartilhou um pouco de sua história em uma *live* transmitida no YouTube em 2021, intitulada como, "Reiseiros – Giro Virtual". A *live* fez parte de uma série com o tema "A questão de gênero na tradição dos Ternos de Reis do Alto Sertão da Bahia", da qual participaram alguns Ternos de Reis e estudiosos discutindo a tradição do Reisado. Na ocasião, Vande contou que começou a tradição do Reisado quando tinha aproximadamente 40 anos, formando assim o segundo Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte.

[2] Entrevista de pesquisa concedida em 15 de maio de 2025, na cidade de Guanambi- BA.

> Eu já tinha uns 40 anos mais ou menos. Eu tive uma ideia de, de eu sair cantando reis [...] E aí, agora, na época que eu comecei meu pai não queria deixar eu brincar reis não. Pois eu disse assim, "Mas moço, será que eu não intendo disso aí, gente? Aí ele disse assim, "É... não, vocês não podem, não, que vocês são mulher. Como é que vocês vão entrar nessa folia?". Eu disse assim – "Não, então tá bom!" Ele saía e eu pegava os, a, as vasinhas cá fora mas uma turminha. Não dava os seis, mas eu entrava com quatro, cinco. Aí Deus ajudou que quando viu aquilo, que chegou, me pegou na surpresa, que viu eu com aquele trabalho, ele disse assim, - "Não, é elas vão, elas vão prestar conta disso aí!" (Vande, 2021).

Chegando a época de Reisado, não se sabe corretamente o ano, mas a Sr. Helena especula que tenha sido aproximadamente no início dos anos de 1990 - então ela, Vande e sua turma saíram então pela primeira vez para fazer o giro pelas casas da comunidade. Foi quando seu pai reconheceu o talento daquele grupo e, com receio de gerar uma briga entre os demais irmãos de Vande, seu pai comprou todos os instrumentos que antes eram do seu terno e passou para sua filha dar continuidade com a tradição.

> Aí, quando foi no final ele disse assim – "Ó! Eu vou pegar esse terno e vou vender a parte, porque quando eu morrer eles vão brigar, dizer que ela ficou com o terno [...]". Pois ele comprou o terno de, de zabumba e passou pra mim. Aí eu falei assim, "E agora?". Mas Deus me ajudou, onde eu chamava... e era só mulher, nessa época só tinha um homem, que era esse aí, não sei se vocês tá vendo, que Deus levou. E aí agora nós partíamos nesse mundo, mas ia mei mundo de gente atrás. Era minha valência, que de noite assim eu tinha medo [...] (Vande, 2021).

A partir de então, foi formado um novo Terno de Reis que vem durando por mais de 20 anos. Com o grupo de Terno de Reis formado e com instrumentos de verdade, deram continuidade à tradição herdada dos seus pais. Todos os anos durante o período de festejos natalinos e de celebração do Santo Reis, o grupo de reiseiros saía para fazer o giro pela comunidade cantando e tocando pelas casas. Durante essas apresentações, Vande era responsável pelo grupo e administrava toda contribuição recebida para que, após o encerramento daquelas apresentações, o grupo pudesse se reunir e organizar a festa da ladainha. O dinheiro recebido não era utilizado para fins pessoais nem para a manutenção daquele grupo, mas sim destinado ao custeio da festa que acontecia anualmente, aproximadamente no mês de maio.

Figura 6: Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte liderado por Vande

Fonte: Antiquis (2021).

Outro desafio enfrentado por Vande e os demais integrantes foi o enfrentamento do preconceito durante seu percurso pelo mesmo motivo que fez seu pai rejeitar inicialmente o grupo: o fato de serem mulheres. Para as pessoas naquela época, mulher não combinava com Reisado e por isso, muitas vezes eram vítimas de comentários preconceituosos. Assim relata a Sr.ª Helena; "Tinha vezes que a gente tinha vergonha. Eu mesmo tinha vergonha de sair. Assim, igual mesmo lá em Pajeú. Muita gente já falava, tinha aquele preconceito que a gente era mulher e estava no meio da folia. Aí, a gente fica chateada por causa disso aí.". Mas Vande sempre as encorajava e as motivava a continuar apesar da resistência por parte de algumas pessoas da comunidade e assim o terno rompeu essa barreira e seguiu adiante.

Além do tradicional giro pelas casas e da festa da ladainha, o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte também se apresentava em festivais e encontros de ternos em diversas cidades da região, como Igaporã, Pindaí, Guanambi, Morrinhos e Caetité. Foi em um desses festivais que o Terno de Reis da fazenda Boa Sorte ganhou em primeiro lugar pela primeira vez.

Em 2007, no distrito de Morrinhos em Guanambi, acontecia o 14º Festival de Reisado, evento cultural e tradicional que foi palco para inúmeros grupos de reiseiros de toda região que se apresentaram e demostraram o encanto, a arte da cultura, suas crenças e devoções. A partir

de então, suas participações em festivais foram acontecendo por vários anos, colecionando prêmios e homenagens em suas trajetórias.

Figura 7: Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte no 14º festival de reisado de Morrinhos

Fonte: Imagem retirada do 14º festival de reisado de morrinhos - 03/03/2007 (Isaac Domingues, 2021, 13min4s).

Naquele dia, além da apresentação que fizeram, os instrumentos estavam enfeitados com fitas coloridas e cordões que foram decorados manualmente. Assim relata a Sr.ª Helena: "Mandava fazer um chapéu, eu fazia faixa para enfeitar as roupas, enfeita a bumba, a caixa, enfeita os instrumentos todinho." Os integrantes estavam vestidos com camisas personalizadas com uma faixa vermelha que destacava o nome do terno. Também estavam usando toucas e boné feito de crochê feitos a mão pela minha mãe. Para Helena, aquela participação no festival foi a mais importante por ter ganhado pela primeira vez, relatou: "A mais importante foi essa de Morrinhos, pra mim foi.".

Com o passar dos anos, somente uma integrante saiu do grupo pelo fato de ter se casado, tendo que ir morar em outra localidade, o que dificultava sua participação nas apresentações. Mas o grupo continuou com os demais. Com o retorno de um dos filhos de Vande que residia em São Paulo, o Terno de Reis ganhou outra característica forte, o som encantador do zabumba, que ao ser tocado pelo mais novo integrante chamava atenção por onde o som ecoava. E assim o grupo seguiu, fez diversas apresentações nas cidades em que passava, foi em programas de rádio e até gravou o primeiro CD com canções típicas do Reisado e músicas autorais. O CD foi

fruto do projeto Antiquis idealizado pelo produtor musical Anderson Cunha, que produziu CDs contendo gravações de diversos grupos de reiseiros, inclusive o terno de Vande.

Figura 8: Capa do CD do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte

Fonte: Antiquis (2021).

No entanto, uma soma de fatores emocionais, físicos e estruturais fez com que o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte fizesse uma pausa. Ivã, filho de Vande, era o único homem do grupo, responsável por tocar a gaita fazendo dupla com a Sr.ª Helena. Ele faleceu em 2019, após um ataque cardíaco. Mesmo com a perda de Ivã, o terno deu continuidade a tradição, mas foi em 2021, com complicações da Covid-19, que Vande foi se juntar com seu filho, onde encanta até hoje as memórias de quem os conheceram.

Após essas perdas, a Sr.ª Helena aponta uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo atualmente, a falta de integrantes para manter firme a tradição. Os mais velhos já estão com a idade avançada, outros não conseguem mais acompanhar por questões de saúde e o grupo não conseguiu encontrar integrantes para substituir os que se foram. Os familiares mais novos não conseguiram aprender tocar os instrumentos ou cantar as músicas. Diante dessas dificuldades, o grupo ainda consegue encontrar de vez em quando, contando com algumas pessoas de comunidades vizinhas que sabem tocar os instrumentos para se apresentarem em eventos culturais, mas não estão saindo para fazer as visitas nas casas como manda a tradição do Reisado.

> Depois que o Tia Bau morreu nós paramos, porque nós não saímos cantando, não. Depois que Tia Bau morreu nós não saímos, assim, cantando no mês de janeiro, não. Nós vamos assim, no festival aí a gente vai, mas assim, pra sair mesmo assim, não saímos mais, não. [...] Não saiu porque as pessoas que têm não aguentam fazer o giro, igual Doda e Regina, e não achou ninguém pra pôr no lugar, por isso que nós paramos (Helena, 2025).

Durante a entrevista com a Sr.ª Helena pude notar o brilho em seus olhos ao relembrar os tempos em que o terno saía pelas ruas. Esse brilho no olhar contrasta com o momento em que contou que a tradição está se acabando aos poucos. Demonstrando um sentimento profundo afirmou: “Depois que Vande morreu, acabou”. Ao mesmo tempo em que as lembranças vinham pela memória ela afirmava: “Mesmo nessa idade, eu ainda queria continuar, quero continuar”. A Sr.ª Helena lamenta não só o fato de não ter saído nos últimos anos para cantar reis, mas lamenta também a possibilidade da tradição da sua família se acabar ali. “Ah, eu fiquei muito, assim, triste, muito, sei lá, desanimada, porque eu queria continuar, nós quer continuar, [...] não tem aquela influência, não tem aquela pessoa assim pra tomar frente, falar assim, eu vou tomar frente pra sair.”

Mesmo diante das dificuldades e desafios enfrentados pelo grupo, a Sr.ª Helena acredita na possibilidade de manter viva a tradição do Terno de Reis. Ela compreende que um dos principais meios de incentivar as pessoas para que surjam novos membros ou formar novos grupos seria através das instituições de ensino, além da participação e interesse dos membros da sua família para manter a tradição. Ao questioná-la sobre de que forma ela acredita de que as escolas poderiam ajudar a manter viva a tradição ela me responde: “Eu acho que sim. [...] aquelas pessoas que tomam a frente dali podiam incentivar as crianças. E se chamar até a gente pra ir ensinar eles, falar como é que faz. Nós tá dispostos a ajudar.” Na visão dela, as escolas serviriam como principal fonte para incentivar os mais jovens a se interessar mais pela cultura do Reisado não só para assistir, mas para viver, praticar e aprender. A Sr.ª Helena ainda se põe à disposição para contribuir, seja na demonstração, seja no ensinamento de como as cantigas de reis são tocadas e cantadas.

3.3 O OLHAR DE PESQUISADORES E SUAS PRÁTICAS PARA A PRESERVAÇÃO DO REISADO

A manifestação do Reisado é uma das práticas culturais mais tradicionais do Brasil e está ligada à religiosidade católica que festeja anualmente a data natalina em diversas localidades do país. Aprofundando nessa abordagem e especificamente em Ternos de Reis da região de Caetité, nessa subseção irei explorar a parte histórica, a regularidade e a dinâmica habitual dessa prática utilizando informações colhidas das pesquisas de campo e entrevistas realizadas com representantes do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), e com o idealizador dos encontros de Ternos de Reis e violeiros que acontece todos os anos em Caetité. A partir

dessas contribuições será possível uma aproximação maior da compreensão de como a cultura do Reisado se mantém viva, bem como, a sua importância no meio social.

Ao elaborar o levantamento de dados para essa pesquisa de TCC, encontrei em meio a buscas que fiz na internet informações sobre o Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), localizado na cidade de Caetité, onde acontecia uma exposição de um projeto relacionado ao Reisado que se intitulava como "Reisados". A partir dessa descoberta procurei entrar em contato com representantes do museu no dia 02 de dezembro de 2024 explicando meu interesse em visitar o espaço pois o tema da minha pesquisa tinha relação com a exposição. Diante disso, recebi o contato de Sabrina Alves, idealizadora do projeto.

Conversei com Sabrina Alves por meio do *WhatsApp* para o agendamento da minha visita ao museu, que foi marcada para o dia 06 do mesmo mês e ano. Conforme tínhamos marcado, nessa data fui até o museu. Durante a visita Sabrina Alves me apresentou o projeto "Reiseiros", explicou sua origem, os objetivos e como o projeto se desenvolveu. Tive a oportunidade de conhecer toda a exposição que era composta por registros fotográficos, vídeos, áudios e objetos materiais utilizados por grupos de Ternos de Reis.

Figura 9: Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB)

Fonte: Autoria própria.

Antes mesmo de Sabrina Alves me mostrar todos os detalhes da exposição, ela me contou como surgiu a ideia de realizar o projeto Reiseiros. Segundo Sabrina Alves, o projeto

nasceu em 2010 através do convite do amigo e produtor musical Anderson Cunha. O mesmo, que chegou a gravar um CD com o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte, a contou sobre os reiseiros que ele conhecia e a motivou a fazer um trabalho relacionado ao tema do Reisado.

Sabrina Alves e seu marido Cristiano Alves que também é socio do projeto, se sentiram motivados pela proposta do amigo e organizaram uma visita a algumas regiões do município com a ajuda de Luís Benevides, pessoa com bastante conhecimento sobre a cultura do Reisado da região, para conhecer de perto os Ternos de Reis. Durante as primeiras idas na região, Alves e sua equipe conheceram diversos ternos, como o de Contendas, Riacho da Vaca, Boa Sorte em Caetité, o terno de Curral das Varas em Guanambi e o de Dino Brito em Guirapá. Nessas visitas a esses ternos, Sabrina Alves colheu entrevistas, registros fotográficos, vídeos e até mesmo uma gravação exclusiva de uma cantiga de reis interpretada pelo cantor Xangai. Diante disso, buscaram patrocínio para poder transformar esses materiais em um projeto com grande amplitude. No entanto, só em 2017 conseguiram um financiamento de um edital voltado a Cultura fornecido pela Neoenergia Coelba.

Ao conseguir esse recurso, Sabrina Alves e sua equipe desenvolveram alguns minidocs[3], um livro e um documentário de longa-metragem sobre o Terno de Reis de Riacho da Vaca, que é considerado um dos grupos mais autênticos da região por se manter vivo há mais de 150 anos de tradição perpassando diversas gerações.

Em 2024 esse trabalho foi desdobrado no MASB, onde foi montada uma exposição de toda pesquisa e informações colhidas sobre o Reisado com a intenção de criar um ambiente que remetesse à experiência de um Terno de Reis ao visitar uma casa. Como o museu é sediado em uma antiga residência que foi cedida para se tornar o museu que é hoje, a curadora demonstrou um olhar sensível ao levar aqueles materiais para que outras pessoas da comunidade caetiteense, as escolas e demais instituições pudessem ver de perto a mensagem que o Reisado passa.

Seguindo a ideia de expor a passagem de um Terno de Reis em uma casa, a exposição tem início na sala, o primeiro cômodo do museu que ficou reservado para expor a bandeira de um dos ternos. Como a entrega da bandeira é um dos primeiros e principais atos de quando o terno chega para cantar em uma casa e o dono da residência aceita, a curadora pensou nessa forma de organização para simular a entrada de um terno e, a partir dali, iria se desenvolvendo um ritual completo do Reisado nos demais cômodos do museu, passando pelo momento da cantiga na lapinha, contradança e despedida.

[3] Segundo Sabrina Alves, minidocs foram alguns trabalhos produzidos em formato de audiovisuais contendo apresentações e falas de membros dos Ternos de Reis das comunidades por onde ela e sua equipe passaram.

Figura 10: Exposição da bandeira de um dos Ternos

Fonte: Autoria própria.

No segundo momento da visita, após contar sobre a origem do projeto em exposição, Sabrina Alves me levou até o local onde estavam dispostas algumas bandeiras dos Ternos de Reis, com destaque para um espaço dedicado à bandeira do terno de Malhada de Maniaçu, comunidade quilombola localizada na zona rural. Nesse momento ela me falou um pouco sobre o Sr. Celso Van, um mestre do Reisado daquela comunidade. Relatou também que os filhos do Sr. Celso já começaram a fazer parte da tradição. Além disso, contou sobre a atuação de uma senhora chamada Tia Lira que acompanha o terno há vários anos, destacando a importância de ter o acompanhamento de pessoas da comunidade para manter viva a cultura do Reisado.

> Aqui é Tia Lira, ela não é reiseira mas ela a... a gente fala o seguinte que, é... reiseiro não é só aquele que faz parte do grupo, reiseiro é aquele que recebe o reis também, que tem aquela tradição de todos os anos sem falhar, vai receber os reis então ela é essa pessoa que recebe os grupos, que é uma entusiasta da tradição, né?! Então ela ajuda com que isso mantenha vivo (Sabrina Alves, 2024)[4].

Ao observar alguns quadros expostos nos painéis, Sabrina Alves apontou uma das fotografias na qual uma senhora demostra um sentimento de fé diante da bandeira de um Terno

[4] Entrevista de pesquisa concedida em 06 de dezembro de 2024, na cidade de Caetité-BA.

de Reis do distrito de Guirapá em Pindaí/BA relatando que algumas pessoas chegam a ter uma relação intensa com a bandeira a ponto de se ajoelhar diante dela. “É como se estivessem diante de uma imagem santa”, disse fazendo alguns gestos delicados. Fala também que para algumas pessoas a bandeira simboliza como se fosse uma santidade divina, como por exemplo o menino Jesus. “Ali tem fé, tem respeito, tem história. A bandeira leva a mensagem do nascimento de Cristo, e as pessoas acreditam nela como um canal de bênçãos, de proteção”, explicou a curadora.

Ao continuar pelo trajeto traçado por Sabrina Alves para mostrar a exposição, ela apontou uma fotografia registrada do Terno de Reis de Contendas, comunidade quilombola localizada em uma zona rural do município na sede de Maniaçu. Na fotografia havia a imagem de Dona Leonídia, líder do grupo de reiseiros daquele local, evidenciando sua importância no terno por ser do gênero feminino, pouco visto na nessa cultura por carregar heranças comandadas na maioria por homens. Em seu relato, Alves conta que, mesmo com o avanço da idade, Dona Leonídia continuava acompanhando o Reisado na função de líder em 2010, mas que quando retornou naquela comunidade em 2017 Dona Leonídia já não estava mais com condições para acompanhá-los na tradição e seu filho, o Sr. Antônio, havia assumido a liderança. Sabrina Alves até relembra de Dona Vande, que foi uma grande líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte, fazendo uma comparação entre Leonídia e Vande quando esteve nas duas comunidades nos mesmos anos.

> Aqui a gente já dedicou a, ao terno de Contendas de Maniaçú, que é outra comunidade quilombola. Ali é Dona Leonídia, reiseira, chefe de terno, assim como é lá na fazenda Boa Sorte, uma mulher, né?! [...] Então, quando a gente teve em 2010 Dona Leonídia ainda tava bem de saúde, quando a gente esteve em 2017 ela já tava fraquinha, já tava, é... com a saúde bem precária, um pouco já de dificuldade assim, [...], mas a gente chegou a fazer entrevista com ela e foi muito bom, mas quem já estava saindo com o terno foi o filho dela, era Sr. Antônio, o filho dela. Já Vande não, Vande quando a gente esteve em 2017 ela ainda tava saindo firme e forte com o terno (Sabrina Alves, 2024).

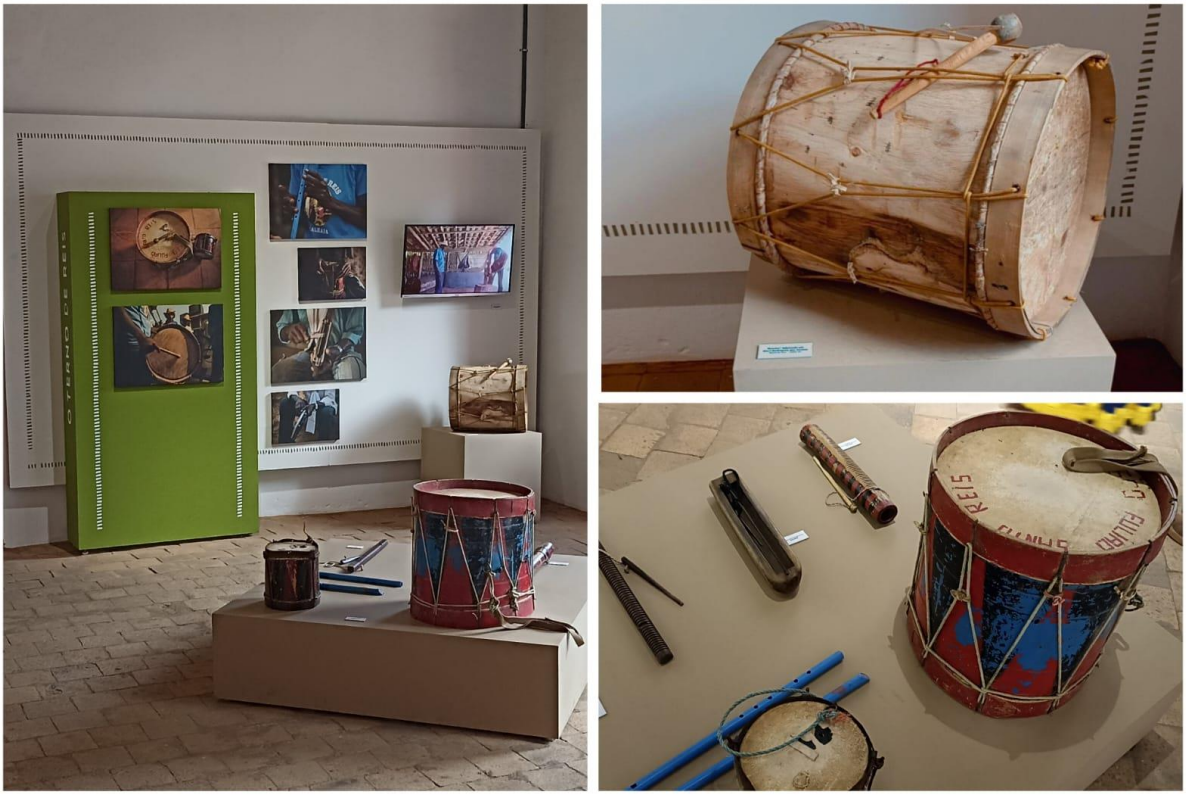
Ao longo do giro dos Ternos de Reis pelas casas, um dos gestos também considerado muito importante é o momento em que o líder do grupo pergunta discretamente ao dono da residência se eles vão dar alguma contribuição em dinheiro. Essa contribuição é chamada de esmola, não no sentido de caridade, mas como ato de partilha. Em algumas bandeiras dos ternos é preparado um bolso para que a pessoa responsável pela casa possa depositar o valor. Quando a bandeira não tem o bolso, o líder do grupo recebe a contribuição e guarda em uma bolsa separada da bandeira. Toda arrecadação feita pelos reiseiros é destinada ao custeio das roupas, manutenção dos instrumentos, ao transporte para se locomoverem nas comunidades e para a

ladainha, uma festa realizada pelos reiseiros da qual falarei mais adiante. Alves relata: “Na bandeira também onde fica o que eles chamam de esmola, né?! que é essa contribuição que as pessoas que recebe na casa dão aos grupos, e ao final da, da, do giro, né... aquele dinheirinho é contabilizado e eles fazem a ladainha...”

Um ponto que se destaca sobre o Reisado em Contendas é o trabalho artesanal de Sr. Alecir, um grande mestre do Reisado que fabrica instrumentos musicais dos Ternos de Reis, como a caixa percussiva e o zabumba, utilizando esse recurso artesanal como sua fonte de renda extra. O instrumento zabumba foi doado por Sr. Alecir para o projeto Reiseiros, estando presente no museu durante toda exposição em um cômodo reservado para todos os instrumentos utilizados em diversos Ternos de Reis.

> ... E aí, a gente descobriu que tem um mestre chefe de terno que começou a fabricar os instrumentos. O Bumba, no caso. E aí, no edital da Lei Paulo Gustavo, do município de Caetité, ele virou para a gente e falou assim... Você sabe que eu estou fazendo o Bumba? Você está de brincadeira, né? Ele falou, não, eu tô. Aí a gente falou, então vamos fazer um filme sobre isso? Aí a gente escreveu essa ideia no edital, ganhou. E aí a gente foi produzir esse filme, que é um minidoc dele produzindo o Bumba do zero, da madeira bruta até virar esse instrumento, que é ele aqui, o instrumento (Sabrina Alves, 2024).

Figura 11: Exposição dos instrumentos



Fonte: Autoria própria.

Com receio de ver a cultura do Reisado se acabar aos poucos, Sr. Alecir resolveu por iniciativa própria fabricar artesanalmente esses instrumentos com o objetivo de contribuir com sua comunidade de forma que não faltem os instrumentos mais importantes de um terno. Sabrina Alves relembrou e repetiu uma das falas de Sr. Alecir que a disse com muito entusiasmo: "Se depender de mim, essa tradição não se acaba. Até os instrumentos agora eu estou fazendo."

A produção audiovisual acompanhou todo o processo da construção dos instrumentos, desde a madeira bruta retirada das árvores até o acabamento final, incluindo a busca do couro de bode juntamente com outros materiais na feira da cidade e das etapas para a preparação do couro e confecção artesanal dos instrumentos.

Em uma das falas de Sabrina Alves pude notar um ponto importante: como o envolvimento familiar no processo de construção dos instrumentos, que pode ser notado quando o filho de Sr. Alecir, que trabalha na construção civil e ajuda o pai utilizando ferramentas modernas que facilitam a produção artesanal, contribui para que o processo de fabricação dos instrumentos seja mais rápido em comparação com o modo como o Sr. Alecir realizava antigamente. Então Sabrina Alves relembra um diálogo entre eles, no qual brinca com o filho de Sr. Alecir perguntando se ele sabe construir os instrumentos e se obtém os saberes e segredos fundamentais para a preparação do couro para os instrumentos.

> [...] Ele diz assim, “ah, o meu pai faz o bumba, para eu fazer o bumba, até mais rápido do que o meu pai, porque eu tenho as máquinas.” Eu falei, como é que faz o negócio do couro ali? “Ah, o negócio do couro, eu não sei não, só com o pai.” Eu falei, ah, está vendo aí, rapaz? Vai aprender com os mais velhos. Aí ele ajudou, né? A lixar toda essa parte, realmente, que com essas máquinas, ele conseguiu, né? Ajudando o pai a fazer os acabamentos. Mais um segredo, a paciência, a persistência, toda com o mestre, que está em outro tempo da sabedoria, assim. Isso aí ele pega a sabedoria de quando ele era criança, né? Ver os pais fazerem, trabalhar com couro, trabalhar com essas coisas que são de outros tempos, né? Tempos mais artesanais (Sabrina Alves, 2024).

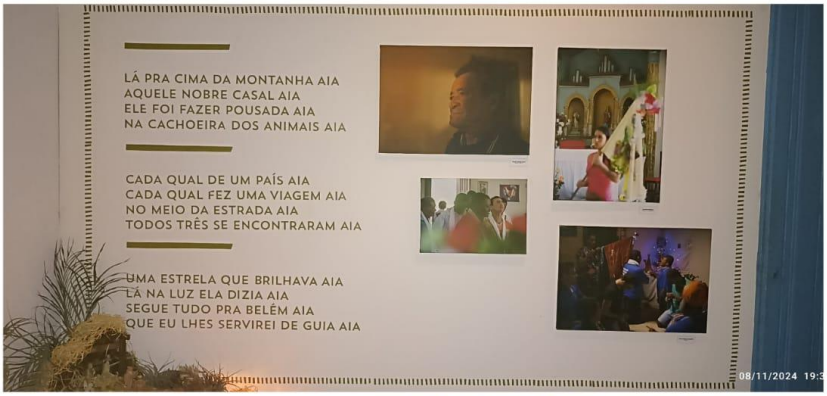
Perguntei a Sabrina Alves sobre a disponibilidade do minidoc, mas ela me respondeu que ele ainda não está disponível na internet para que mais pessoas tenham acesso porque está sendo utilizado para ser inscrito em editais ou festivais de cinema. No entanto o minidoc foi exibido no museu para que quem fosse visitar a exposição pudesse assistir. Alves ressalta o impacto positivo de exibir o minidoc na exposição pelo fato de as pessoas entrarem em contato com o Sr. Alecir encomendando os instrumentos e contribuindo na questão financeira e econômica dos Ternos de Reis.

> E aí o que tá acontecendo com a exposição é uma coisa maravilhosa, porque as pessoas estão vindo ver o Bumba, fica maravilhado, que querem saber, que pedem o contato dele para encomendar. “Ah, eu quero esse.”, “Vai fazer um pra mim.” É uma outra forma também de sustentabilidade financeira, né? Os grupos começarem também a obter algum recurso com a tradição, né? (Sabrina Alves, 2024).

Além do minidoc, foram realizadas oficinas práticas no museu. Nestas, o Sr. Alecir demonstrou como são feitos os instrumentos, despertando o interesse do público e enriquecendo não só o conhecimento daquelas pessoas presentes nas oficinas, como também toda exposição, ao mesmo tempo ampliando os saberes de um mestre do Reisado com pessoas de outras localidades.

Outro momento importante que acontece durante a apresentação de um Reisado é quando o Terno de Reis se dirige até o presépio, também conhecido como “lapinha” e cantam uma cantiga de reis dedicada exclusivamente para aquele momento. Normalmente, as pessoas que gostam do Reisado costumam preparar um espaço nas suas salas especialmente para o presépio. Na exposição também tinha um espaço reservado para o presépio que se intitulava como “O canto na Lapinha”.

Figura 12: Exposição da ladainha



Fonte: Autoria própria.

Quando um grupo de Terno de Reis entra em uma casa que possui o presépio, os integrantes se preparam para cantar um canto antigo que contém 25 versos, porém, nem todos

os grupos lembram de todos os versos por ser uma cantiga longa e porque não conseguiram aprender totalmente, visto que quem tinha o conhecimento de toda a letra da música eram os reiseiros de gerações anteriores. Sabrina Alves comenta:

> [...] os grupos, eles falam assim "Ah... o reis da lapinha é o mais difícil, que são 25 versos". Então, aqui mesmo ó, a gente reproduziu alguns dos 25. Minha ideia era botar os 25 nesse painel, mas não seria possível, é tão grande que nem um painel desse cabe. Então eu coloquei algumas, alguns versos... quem cantou esse... esse reis aí foi Juarez, que é um reiseiro do Riacho da Vaca, que ele cant... só ele canta os 25 versos da lapinha [...] (Sabrina Alves, 2024).

Após o cântico de reis da lapinha, expressão que os ternos dão ao cântico dedicado ao presépio, chega um dos momentos mais esperados pelos donos da casa: a contradança. Nesse momento a celebração dos reiseiros se transforma em festa. Geralmente, antes o dono da casa oferece uma bebida, seja suco, café ou, até mesmo, bebida alcoólica de forma moderada aos reiseiros, além de algo para comer, como uma forma de acolhimento. Após todos terminarem de beber e comer, o grupo se prepara para a apresentação mais animada. Durante a contradança, algumas pessoas da casa entram em meio aos reiseiros e começam a dançar junto com eles, enquanto outros se contentam em somente assistir toda à apresentação, mas com sentimentos de alegria e satisfação em receber o Terno de Reis em casa.

> Aí, depois que eles cantam a lapinha, aí chega um momento que geralmente o dono da casa, trazem bebida, oferecem um café, chiringa, alguma coisa, e aí quando entra no momento festivo, é a hora que eles vão fazer a festa na casa da pessoa. E agora o momento das contradanças, né? Onde eles vão mostrar ali a arte do reisado, a parte cultural agora, né? As danças, as cantigas, a relação entre eles ali na... É como se fosse uma apresentação, e é, né? (Sabrina Alves, 2024).

O ciclo de visitas nas casas acontece noite após noite, comunidade após comunidade, até chegar o dia de Santo Reis, comemorado em 06 de janeiro, considerado o último dia de celebração nas casas. No entanto, os festejos não acabam ali. Quando chega a época da quaresma muitos grupos de reiseiros realizam nas igrejas de suas comunidades a ladainha. A ladainha é um momento para os Ternos de Reis que representa um ato de retribuição e agradecimento a todo acolhimento e contribuição recebidos durante a passagem pelas comunidades. A retribuição é oferecida para as pessoas em forma de festa. Na ocasião acontece primeiro a apresentação dos reiseiros daquela comunidade até chegar o momento em que os grupos fazem um pequeno cortejo do lado de fora antes de entrar na igreja para a celebração da missa. Em seguida, chega o momento da festa em si. São preparados leilões de bebidas, comidas

ou animais, como frango, boi, bode, dentre outros para o custeio da contratação de bandas e serviços extras prestados para a festa.

> A gente foi pro do, do terno do Riacho da Vaca e eu conseguir ver lá como é que funciona essa questão da, mais bonito que é a parte religiosa geralmente na frente da igreja uma ladainha mesmo, onde são cantados uns cinco versos, e tal... e aí depois ali daquela parte religiosa as comunidades geralmente pegam a sede da associação da comunidade faz uma latada e faz ali uma grande festa, leilão... e ai eles preparam, a comunidade se unem prepara aquela comidaria toda, as bebidas pra receber as pessoas... que é um momento assim, de... de devolver, né?! de devolver toda essa esmola em forma de benção de novo, né?! Além deles levarem mensagem de fé, eles levam essa mensagem de, de bonança, de fartura, né... de prosperidade, então aqui é a questão da bandeira, né?! (Sabrina Alves, 2024).

Embora o giro tradicional dos Ternos de Reis se encerre, as apresentações dessa tradição continuam acontecendo. Uma das mais importantes são os encontros anuais de Ternos de Reis que acontecem em diversas cidades próximas as suas comunidades onde residem. Além desses eventos, os Ternos de Reis muitas vezes são convidados para se apresentar em escolas, eventos culturais e até mesmo em ocasiões privadas como festas de famílias. O que se torna de suma importância para que a tradição do Reisado permaneça presente nas comunidades.

Após nossa conversa, Sabrina Alves me direcionou até um dos cômodos do museu onde tinha uma televisão que transmitia um minidocs com a participação de Luís Benevides. Sabrina Alves ressaltou a importância de Luís na criação do projeto destacando também sua importância no meio cultural do município.

Em seguida fomos para outro espaço do museu onde estavam expostas fotografias de crianças participando do Reisado de diversas comunidades. Sabrina Alves apontou com entusiasmo para o grupo de Terno de Reis Estrela Guia formado por crianças que ainda estava aprendendo as cantigas e a tocar os instrumentos. Ela explicou que muitas dessas crianças tem vínculos com o Reisado por parte dos familiares ou dos grupos de reiseiros de suas comunidades. Afirma a curadora:

> E aqui as crianças. Um reisado para as crianças. Que a gente encontrou nessa caminhada. Que estavam ali fazendo companhia dos seus pais. Sempre na curiosidade do instrumento. Ou crianças que já eram um grupinho de reisado Mirim, se apresentando. Aqui é um grupinho de Igaporã, o Terno de Reis Estrela Guia. E aí elas, eles na estrada cantando reis. Ainda assim. Aprendendo, as músicas, as cantigas. Mas já iniciando a trajetória digna. [...] muitas das crianças que tiveram aqui também tem uma relação com o reisado. Seja o avô, ou seja, a comunidade da qual elas fazem parte (Sabrina Alves, 2024).

Figura 13: Exposição fotográficas de crianças participando do Reisado

Fonte: Autoria própria.

Finalizando o percurso da exposição, a curadora me conduziu até o último espaço identificado com o encerramento das apresentações dos Ternos de Reis quando se realiza nas casas. Conforme o museu tinha um espaço dedicado para cada momento de ritualização do Reisado, a curadora reservou o corredor do museu para a exposição de algumas camisas de diversos Ternos de Reis inclusos no projeto Reiseiros. Naquele espaço, além das camisas, havia também fotografias de grupos de reiseiros no caminho das casas de suas comunidades. Diante desse material, a curadora relatou um dia em que encontrou o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte na estrada e decidiu acompanhá-lo, relembrando o momento descontraído que contribuía com o fortalecimento de vínculos entre os membros durante a trajetória até a comunidade. Nas suas palavras:

> A gente trouxe algumas camisetas dos grupos né. Aqui tá ali a da fazenda Boa Sorte, e alguns momentos dos grupos na estrada né. Ah! é uma coisa que foi maravilhosa em 2010 foi quando a gente encontrou a Fazenda da Boa Sorte na estrada eles estavam cantando Reis. E aí a gente saiu andando com eles assim ó. E aí. A gente. Encontrou com uns bois atravessando assim uma parte pra um lado e para o outro e aí os bois vieram na nossa geração e aí elas começaram a brincar com o camarada. E aí deu para ver um pouco assim que é nesses momentos de estrada onde o grupo troca ali a intimidade um com o outro as brincadeiras, as resenhas, a resenha são todas nesse momento aqui da estrada (Sabrina Alves, 2024).

Figura 14: Registros e camisetas de alguns Ternos de Reis

Fonte: Autoria própria.

O olhar de Sabrina Alves voltado ao Reisado revela uma compreensão profunda no que se refere à arte e à valorização da cultura popular. Em sua fala, esclarece que ela e sua equipe não se consideram pesquisadores acadêmicos, mas reconhece que o trabalho desenvolvido por eles está ligado às áreas da antropologia e da pedagogia. Sabrina Alves ressaltou que um dos objetivos do projeto foi de registrar e expressar por meio da linguagem audiovisual a riqueza da cultura do Reisado possibilitando uma nova forma de enxergá-lo não como um objeto de estudo, mas como uma tradição que merece ser celebrada. Ainda em seu relato, ela demonstrou entusiasmo ao ver pesquisadores acadêmicos se aproximando do tema e me citou como exemplo, pois entende que seu trabalho artístico pode se tornar uma ferramenta essencial para o trabalho dos pesquisadores e educadores nas escolas e na valorização e importância do Reisado.

> Mas Jonatas, o que eu quero dizer principalmente é o seguinte. Nós não somos professores, nós não somos pesquisadores da antropologia embora no nosso trabalho tem um traço de tudo isso. Tem um traço de antropologia, tem um traço de pedagogia porque é um pouco educativo. Mas o que que nós somos? Nós somos artista da área de áudio/visual, né?! Juntamos com outros artistas, fotografo, jornalistas para executar esse projeto. Esse projeto é um olhar sobre o Reisado, é o nosso olhar sobre o Reisado, né?! Ele não tem a pretensão de inventariar, ou seja, de trazer um registro de todos os grupos existentes no território, ele não tem a preocupação também de se tornar

> metodologia e aí eu fico muito feliz de ver pesquisadores como vocês que são da universidade, que são, né?! fazendo esse trabalho porque é uma forma assim de dar a manutenção nessa tradição. Que que a gente fez? A gente fez um olhar sobre a tradição. Contribui? Contribui, porque é uma forma de valorizar. Mas agora, o que a gente quer deixar como legado é que esse trabalho que a gente tá fazendo contribua, para quem? Para os pesquisadores, educadores do território que vão dar continuidade a isso usando o nosso trabalho como uma das ferramentas pra que, né?! contribua pra isso (Sabrina Alves, 2024).

Durante a visita, Sabrina Alves reconheceu a importância da realização desta pesquisa feita por mim por ser fundamental e contribuir para manter viva uma cultura que não pode acabar. Alves ainda ressaltou a importância da presença ativa dos grupos nas comunidades, mesmo que seja em menor escala, mas que tenham as manifestações presentes principalmente nas datas dedicadas aos Santos Reis. Em sua fala, Alves afirma que manter o Reisado vivo é também manter viva a própria comunidade com laços que fortalecem os membros socialmente.

> O terno da Boa Sorte precisa muito desse trabalho seu, as escolas, é uma cultura que não pode acabar. A gente tava falando com dona Helena, se a comunidade conseguir manter essa tradição. De estar presente, eu falo mesmo, se não está fazendo um giro grande, faz um giro menor, sabe? Estar presente na comunidade durante os dias de reis, [...] se o grupo mantém ali combinado, deixar tudo organizado para que possa fazer apresentações, [...] é muito importante pra comunidade, não só para o grupo, mas para as pessoas que recebem valores no rezado, tem a passagem no rezado, [...] e aí de toda aquela confraternização, de tomar um café junto, de um abraço, de tudo isso, então a entende que o rezado é importantíssimo para a saúde, para a saúde da nossa comunidade. Se a comunidade está no rezado, mantém-lo vivo, para a comunidade também se manter viva. Com saúde, com prosperidade, com fraternidade entre as pessoas (Sabrina Alves, 2024).

No dia 17 de março de 2025 entrei em contato com o professor Luiz Benevides por meio do aplicativo *WhatsApp*, com o intuito de apresentar a ele o meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e propor uma conversa sobre o tema, durante a qual eu realizaria uma entrevista.

Antes de trazer as informações da entrevista, é importante destacar brevemente sua biografia. Benevides, como prefere ser chamado, possui graduação em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com formação concluída em 1997, desenvolve uma trajetória marcada pelo compromisso com a cultura, a educação e a comunicação. Atua como radialista na Fundação Cultural e Educacional Santana de Caetité, onde contribui para a divulgação da informação e da valorização da cultura local. Além disso, Benevides também é comerciante no município.

O professor Benevides foi meu docente durante o ensino fundamental e por sua experiência e conhecimento sobre a cultura do Reisado em Caetité, considerei que ele poderia contribuir significativamente com minha pesquisa.

Após alguns dias de conversa, combinamos um encontro presencial para o dia 12 de abril de 2025, a partir das 09h30min, na Rádio Educadora Santana, localizada na cidade de Caetité, onde ele atualmente trabalha. No dia marcado, me dirigi até o local com antecedência de algumas horas e aguardei a chegada do professor. Assim que ele chegou, me cumprimentou cordialmente e me convidou a entrar em seu escritório. Benevides tinha disponibilizado meia hora para que eu fizesse a entrevista e em seguida ele iria se ausentar para poder começar um programa ao vivo na rádio onde ele trabalha. Iniciamos então nossa conversa no horário marcado que se estendeu até as 09h57min. Durante a entrevista, fiz diversas perguntas relacionadas ao tema do meu TCC e o professor respondeu com atenção e riqueza de detalhes.

Luís Benevides compartilhou sua relação com a cultura do Reisado, em relação à qual tem o papel de divulgação e preservação em Caetité. Segundo ele, seu primeiro contato com o Reisado se deu muito cedo, quando ainda era criança. Ele recordou como ficava ansioso em esperar o Natal e fim de ano para presenciar a chegada dos Ternos de Reis, apresentando lembranças que marcaram a sua infância. Diz Luís, "...logo que eu entendi por gente, eu sempre cresci no meio de Ternos de Reis, quando chegava, né, o Natal, o final de ano, a gente ficava assim com aquela ansiedade para que aparecesse novos Ternos de Reis.".

A cultura do Reisado passou então a despertar em Luís Benevides o interesse de pesquisar sobre o tema. Foi então que, em sua formação acadêmica, ele teve a oportunidade de aprofundar seus estudos sobre o Reisado ao realizar seu TCC sobre o tema.

Ao longo do tempo Luís Benevides foi se tornando um detentor de conhecimento sobre a tradição dos Ternos de Reis. Ele criou o primeiro festival de Ternos de Reis na cidade onde mora, que ganhou muita proporção e se transformou atualmente no principal encontro de Ternos de Reis da região. O principal objetivo do evento, segundo Luís, é promover a integração entre os grupos de Reisados de diferentes comunidades. Ou seja, fazer com que os ternos de outras localidades tenham o contato com os demais para promover a socialização e conhecimento de diferentes hábitos e apresentações da mesma cultura. Como aponta Luís:

> O objetivo é a gente criar assim um laço, né, de mais aproximação. Um reisado que mora em Morrinhos, um que mora lá em Santa Luzia, outro mora lá em Maniaçu, outros moram em Brejinho. Então, ali antes ninguém conhecia. A gente sabia que tinha um Terno de Reis lá, mas eles o que que acontece hoje? Eles são... houve aquela integração, você entendeu? (Luís Benevides, 2025)[5].

[5] Entrevista de pesquisa concedida em 13 de abril de 2025, na cidade de Caetité-BA.

Tendo uma trajetória marcada pelo convívio, estudo e organização de eventos dedicados ao Reisado, Luís Benevides se tornou uma figura essencial que contribui para a preservação dessa manifestação cultural em Caetité. Ao ver as sementes plantadas para que o Reisado continue florescendo nas comunidades, Luís nos mostra, através de seu compromisso, o quanto a cultura popular fortalece a identidade de um povo por ser rica, cheia de vida e significados.

Ao ser questionado sobre o futuro do Reisado no município, Luís Benevides foi bastante otimista ao responder à pergunta. Segundo ele, há grandes esperanças na permanência e valorização da cultura do Reisado pelo fato de ter observado um crescimento no número de Ternos de Reis e na realização de encontros relacionados à Folia de Reis em outras localidades. Luís Benevides destacou o distrito de Caldeiras, onde as pessoas da comunidade estavam se organizando para a realização do primeiro encontro de Ternos de Reis. Nessa comunidade, segundo Luís Benevides, já houve o Reisado como prática cultural, mas com o passar dos anos as apresentações na comunidade tinham deixado de acontecer.

> Eu tenho boas esperanças [...] porque cada dia que passa surge mais encontros de Ternos de Reis por aí afora. Agora mesmo, de hoje a 15 vai ter em Caldeiras, né? [...] vai ser o primeiro encontro de Ternos de Reis deles lá. [...] é um distrito que já teve muito, acabou e agora eles querem reativar, né, para ver se consegue novamente voltar à realidade de anos e anos. Então, eu espero muito porque cada dia que passa vem aumentando [...] (Luís Benevides, 2025).

Quando perguntei se a educação e a cultura do Reisado podem caminhar juntas, Luís Benevides respondeu afirmando que, apesar de ter origens religiosas, o Reisado é uma manifestação cultural. Luís Benevides destacou que há possibilidades de apresentar o Reisado em espaços escolares sem necessariamente associá-lo à religião. Ressalta ainda que a educação pode se tornar um espaço importante para manter viva essa tradição, respeitando a identidade de cada um. Assim diz Luís Benevides:

> O Reisado é cultural, embora tenha cunho religioso, mas ele é cultural. Você pode apresentar o Reisado sem colocar a religião no meio. Isso não importa porque o Reisado tá na Bíblia. Os evangélicos sabem disso, todo mundo sabe que tá lá [...] essa questão de manifestação cultural, ninguém pode interferir nisso porque elas têm que existir. As manifestações culturais têm que existir, seja da com cada um com a sua peculiaridade, sua forma particular de apresentar, mas elas têm que existir. Se a gente tirar a cultura popular do meio social, acabou, né? (Luís Benevides, 2025).

Durante a entrevista, Luís Benevides relatou que os jovens do município têm contato com a cultura do Reisado através das escolas quando é celebrado o folclore. Durante esse período é comum as escolas organizarem apresentações culturais incluindo o Reisado. Nessa

época, segundo Benevides, algumas escolas entram em contato com ele em busca de grupos de Ternos de Reis para poderem participar de eventos e atividades pedagógicas.

> Geralmente, no mês de agosto, que é o mês do folclore, né? Aí as escolas fazem aquelas apresentações e aí coloca na programação a apresentação de um Terno de Reis, por exemplo. Aí, então, eles procuram. [...] a maioria das escolas aqui, todas fazem trabalhos de apresentação do Reisado e vem atrás de mim para arranjar Terno de Reis por aí (Luís Benevides, 2025).

Questionado sobre o que poderia ser feito para ampliar o acesso dos jovens ao Reisado, Benevides ressaltou o importante papel das autoridades públicas, sejam elas municipais, estaduais ou federais, que deve ser desempenhado no sentido de incentivar essa prática cultural por ser uma das tradições com bastante riqueza brasileira, portuguesa, africana e indígena. Além disso refletiu sobre o papel das escolas em valorizar a cultura local a partir da iniciativa dos coordenadores pedagógicos na busca de formas de inclusão tanto do Reisado quanto de outras manifestações culturais presentes nas comunidades que são essenciais para a identidade cultural do município.

Ao finalizar as perguntas que eu tinha organizado para a entrevista chegou o momento em que Luís Benevides precisou se ausentar devido ao seu compromisso profissional. Dessa forma encerramos a entrevista, quando agradeci por sua disponibilidade e pelas contribuições de seu depoimento que foi fundamental para a construção dessa pesquisa.

3.4 TERNO DE REIS NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA ESCOLA MUNICIPAL ZELINDA CARVALHO TEIXEIRA

Durante as conversas com representantes do MASB, foi mencionado que um grupo de Terno de Reis formado por adolescentes e crianças havia se apresentado no museu em um evento programado por eles. Fui informado que esses jovens eram alunos de uma escola da zona rural de Caetité.

A partir dessa informação, obtive o contato com essa escola com o intuito de saber mais sobre esse grupo escolar. Ao entrar em contato fui direcionado a conversar com o diretor por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Então iniciei um diálogo com o diretor da escola e apresentei a ele o meu projeto de pesquisa, em relação ao qual ele se mostrou muito interessado, marcando assim para que eu fizesse uma visita à instituição no dia 12 de maio deste mesmo ano.

A Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira está sediada no distrito de Maniaçu, município de Caetité. Cheguei à escola por volta das 8 horas da manhã e me dirigi até a sala da

direção, onde o diretor me aguardava. No início de nossa conversa me apresentei a ele e em seguida expliquei o objetivo da minha visita e apresentei os principais pontos de meu projeto de TCC. Apresentei também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi lido e assinado, me permitindo assim a continuidade do diálogo. Durante o diálogo fiz diversas perguntas ao diretor visando compreender a origem do Terno de Reis existente na escola, bem como a participação dos alunos e sua importância para a instituição como todo.

Segundo o diretor, o grupo de Terno de Reis dessa escola surgiu a partir da iniciativa de dar continuidade à manifestação cultural do Reisado tradicional da região com a proposta de levar essa representação cultural para a escola como uma forma de valorização e permanência dessa herança cultural que faz parte da identidade local.

O diretor informou também que o grupo surgiu através de um projeto da escola e desde então vem sendo mantido com a participação ativa dos alunos. Ele destacou que muitos estudantes têm o contato com o Reisado em suas comunidades por existirem membros de suas famílias que são integrantes de outros Ternos de Reis. Por esse motivo a procura para fazer parte do Terno de Reis dentro da escola é sempre constante.

> Surgiu como um projeto da escola e, a partir daí, vem se mantendo com a participação dos alunos ao longo dos anos, das séries. Então, começa com alguns alunos e, à medida que esses alunos vão saindo, novos alunos entram e dão continuidade, mesmo porque é uma representação cultural forte aqui da região. Então, os alunos que participam já têm esse convívio com o próprio terno nas suas comunidades (Diretor, 2025)[6].

No decorrer do diálogo, questionei ao diretor sobre como se dá o processo de seleção dos alunos para participarem do grupo de Terno de Reis. Ele me explicou que o projeto é divulgado dentro da escola e que a participação ocorre de forma espontânea, pois os próprios alunos demonstram interesse por se inscrever no projeto.

Ao abordar sobre a questão da religiosidade entre os alunos na escola e como a prática do Reisado funciona na escola, tendo em consideração o aspecto das diversidades religiosas, o diretor afirmou que até o momento não houve nenhum tipo de conflito relacionado à religião porque o Reisado é compreendido mais como uma expressão cultural do que uma prática exclusiva da religião católica.

> O Reisado, ele já é uma tradição regional nossa, regional, local, bem antiga. Então acaba que ocorre uma boa aceitação e pouco conflito no sentido de religiosidade. Não vejo até hoje que tenha acontecido ou ocorrido algum conflito no sentido de religiosidade. Penso que o fato de já ser uma cultura, uma tradição mais antiga, principalmente nas comunidades locais, essa aceitação é bem-vista (Diretor, 2025).

[6] Entrevista de pesquisa concedida em 12 de maio de 2025, no distrito de Maniaçu, Caetité-BA.

Em relação à frequência dos ensaios, o grupo realiza uma vez por mês em horários definidos de acordo com o calendário escolar. As atividades relacionadas ao Reisado são dialogadas em disciplinas como: Artes, História e em oficinas de Músicas. No início do projeto é apresentada aos alunos a origem histórica do Reisado para promover uma compreensão aprofundada sobre essa manifestação cultural. Afirma o diretor da escola: "No início é tratada essa parte histórica, da origem de ter sido uma cultura trazida pelos portugueses, de representatividade católica, da origem dos três reis magos. Então é também trabalhada essa questão cultural da origem do Reisado."

Uma das perguntas feitas ao diretor da escola teve como objetivo compreender sobre a participação da comunidade escolar e externa em relação às atividades sobre o Reisado desenvolvidas para os alunos. A pergunta foi a seguinte: "A comunidade escolar, pais, moradores da comunidade onde eles residem, participam das apresentações ou atividades do grupo?" Em resposta, o diretor destacou que o Reisado é uma manifestação cultural forte na região onde a escola é situada. Com isso é facilitada a implementação do projeto e do Reisado para/com os alunos por terem uma bagagem significativa conforme suas vivências com o Reisado por parte de seus familiares. Dessa forma, não se torna limitado somente para os alunos da rede de ensino, mas há uma porta aberta para a comunidade, que ao mesmo tempo em que participa, acolhe e apoia a iniciativa da escola.

> O terno aqui para a região é muito forte. Praticamente todas as comunidades aqui de Maniaçu têm o seu Reisado local. Então essa vivência que os alunos trouxeram e esse projeto aqui na escola, tem o envolvimento da escola, tem o envolvimento dos alunos e tem esse também o abraçar da comunidade por já existir. Então aqui o Reisado, o carro de boi, então são tradições que já estão bem inerentes aqui da região. Então acabou ficando fácil, vou dizer assim, a execução e a realização desse projeto por estar bem forte na cultura aqui local (Diretor, 2025).

O diretor afirmou que a maioria das apresentações do grupo de Reisado acontece fora do ambiente escolar. Destacou que o grupo recebe diversos convites para participar em eventos promovidos por outas instituições, como outras escolas da região, eventos organizados pela Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo de Caetité e em espaços culturais da cidade, como por exemplo, o MASB.

Para compreender em quais momentos do ano os alunos apresentam com o Terno de Reis na escola ou em outros ambientes, foi questionado ao diretor em que datas o grupo costuma se apresentar. Ele relatou que o grupo realiza apresentações em diferentes momentos ao longo do ano letivo, mas normalmente as apresentações acontecem em datas comemorativas

integradas ao calendário de projetos da escola. As que se destacam são: Dia da Consciência Negra e São João. O diretor ressalta que, como resultado dessas programações, os alunos se sentem estimulados a ensaiar e participar para se apresentar tanto dentro da escola, quanto em outros locais. Além disso, o diretor destaca também que os alunos demonstram grande entusiasmo e interesse pelo projeto a ponto de desejar mais dias de ensaios sem a necessidade de cobrança da gestão ou professores. No entanto, a quantidade de instrumentos é limitada, suficiente para apenas um grupo de Terno de Reis.

> A participação, digo para você que eles gostam muito de desenvolver o projeto. Se fossem por eles, eles estariam ensaiando até mais vezes no mês, estariam se apresentando mais vezes, mas a gente acaba tendo um combinado para que seja também de forma organizada. Porque se deixar por eles, seria ensaio quase toda semana, seria apresentação toda semana. Então a gente tenta manter de uma forma organizada para que também não sirva de pretexto para não executar as atividades normais da escola. [...] Só que a gente tem uma quantidade de instrumentos restrita, então é uma quantidade que a gente disponibiliza para um grupo de Reisado. A gente não teria disponibilidade agora, nesse momento, de estar disponibilizando para mais (Diretor, 2025).

Durante o diálogo, o diretor afirmou que o Reisado tem um papel significativo no desenvolvimento dos alunos, contribuindo de forma social, cultural, educacional e pessoal. Dessa forma, segundo o diretor, o projeto oportuniza aos alunos a aproximação cultural de uma tradição forte da região que favorece o reconhecimento da identidade local. No ponto de vista formativo, o projeto na escola possibilita aos alunos aprenderem a tocar instrumentos musicais, desenvolver habilidades artísticas e sensoriais, bem como valores como responsabilidade, respeito às diferentes culturas, dentre tantas outras habilidades que contribuem para a formação do indivíduo na sua construção ética e social.

> Eu penso que ele pode contribuir de várias formas. Você tem a contribuição social. Você tem ali a contribuição de estar trazendo crianças e adolescentes e trazendo eles a importância dessa cultura para a região e para as localidades. Penso na formação e aprendizagem de tocar um instrumento. Penso na contribuição de perpetuar essa cultura. Penso na contribuição do indivíduo como um todo de estar inserido num projeto onde ele, desde cedo, vai entender a responsabilidade de estar participando de um grupo, de ter o compromisso com o ensaio, de ter o compromisso com aprender o instrumento, de ter um compromisso com a cultura, de entender a origem da cultura. Então tudo isso traz para essa criança e para esse adolescente coisas que ele vai levar para sempre. Que não necessariamente estar dentro do que seria só o contexto do aprendizado, da disciplina escolar, mas desse entendimento social como um todo (Diretor, 2025).

O gestor da escola acredita e afirma que a cultura do Reisado e a educação podem e devem caminhar juntas, pois uma complementa a outra por contribuir para o desenvolvimento da identidade e diversidade cultural. Dessa forma, cabe às escolas reconhecerem essas

manifestações culturais e assumir o compromisso de transmiti-las para as novas gerações permitindo aos alunos a vivenciarem as culturas das quais fazem parte. Mas para que isso aconteça, é necessário que haja iniciativas mais estruturadas com apoio da comunidade, instituições privadas ou governamentais para o fortalecimento dessa construção e valorização sociocultural.

> Penso que seria de iniciativa da escola, de iniciativa às vezes privada, de uma participação da comunidade, de entender essa cultura e de tentar trazer essas parcerias entre a escola, a comunidade, entre os alunos, para que possa desenvolver e levar adiante a importância do Reisado (Diretor, 2025).

Ao finalizar o primeiro momento de diálogo com o gestor da escola, ele me apresentou aos alunos que participam do Terno de Reis e pediu a eles para que pegassem os instrumentos. Segundo o diretor, a idade desses alunos é em média entre 13 e 16 anos. Assim que os alunos chegaram, demonstram certa timidez. Para que o ambiente entre nós se tornasse mais confortável, comecei me apresentando, explicando quem sou, o porquê estava ali e a minha familiaridade com a cultura do Reisado.

Nesse momento o diretor nos aconselhou levar os instrumentos para o pátio fora da escola onde tivesse mais espaço para que os meninos fizessem uma breve apresentação.

Chegando no local escolhido eles se organizaram conforme os ensaios que fazem na escola. Dois responsáveis por tocar as gaitas ficaram juntos como se fossem a formação de pares. O mesmo aconteceu com os demais: o zabumbeiro com o que toca caixa e o que toca pandeiro com o que toca o reco-reco. Após isso fizeram um semicírculo tocaram duas canções. Em seguida agradeci a oportunidade de presenciar aquele momento e após cumprimentarmos como sinal de despedida, os estudantes se direcionaram para as salas de aula. Após os alunos encerrarem as apresentações, retornei para a sala do diretor que me disponibilizou o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para que eu pudesse fazer uma leitura e análise.

Enquanto eu olhava o PPP tive a oportunidade de ouvir algumas contribuições da professora de Geografia e atualmente vice-diretora da escola, a Sr.ª Carmem Lúcia Malheiros Ledo que esteve presente em alguns trechos do meu diálogo com o diretor. Espontaneamente ela compartilhou alguns pontos importantes do projeto de Terno de Reis desenvolvido com os alunos, destacando a importância de inseri-lo nas práticas pedagógicas das escolas do município.

A vice-diretora apontou a importância de criar projetos pedagógicos voltados à cultura local em sala de aula e afirma que pode ser trabalhado em diferentes componentes curriculares, não se limitando às disciplinas como História e Artes. Assim a vice-diretora disse: “Qualquer

professor poderia trabalhar o Reisado, mas eu acho que teria que fazer um projetinho para que o professor pudesse trabalhar".[7] Carmem também enfatizou a importância da transmissão do Reisado para as novas gerações, ressaltando que essa tradição não pode ser esquecida. Em suas palavras, é necessária uma iniciativa para que essas manifestações culturais não sejam abandonadas e citou a tradição das escolas realizarem um desfile cívico em comemoração ao 7 de setembro, dia em que é comemorada a Independência do Brasil nos distritos que vêm se acabando ao longo dos anos. Assim relata a professora Carmem Ledo: "Eu acho que é uma tradição que não deve ser acabada. Como tem outras tradições mesmo que ainda de festa já foi abolida, né? [...] Então a gente não pode deixar com que isso acabe.". Finalizando o diálogo fiz os agradecimentos e me despedi do diretor e a professora vice-diretora Carmem Ledo pelas contribuições e reflexões compartilhadas para a realização desta pesquisa.

Após esse diálogo, ao analisar o PPP observei que sua última atualização ocorreu no ano de 2022. O PPP enfatiza a importância da valorização e inclusão das culturas populares e regionais nos espaços escolares. Segundo o PPP da Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira (2022), a escola desenvolve diversos outros projetos com os alunos, tais como: Carro de bois, Projeto de Leitura, Sustentabilidade no Ambiente Escolar, Viagem dos Alunos Concluintes dos Nono Anos, Projeto "Na batida dos tambores" – Grupo de Percussão OMO AYÊ(NUZEL), Projeto Horta, Guardiões da Natureza, Aluno Destaque e Consciência Negra. Eventos Culturais: Festejos Juninos, Feira do Trabalhador e Festa da Mandioca. Evento Cívico, 02 de julho. Embora o projeto do Terno de Reis realizado com os alunos não seja mencionado no PPP, sua realização está em consonância a ênfase colocada pelo projeto político pedagógico da escola na importância da valorização e inclusão das culturas populares e regionais nos espaços escolares.

Ao finalizar esta seção, através das observações, entrevistas e visitas realizadas durante a pesquisa de campo, foi possível construir um panorama abrangente do material coletado ao longo da pesquisa. Os relatos me permitiram identificar conexões entre os participantes do Terno de Reis, na escola, os envolvidos revelaram uma troca de saberes enriquecendo e fortalecendo a identidade local e o processo educativo, a escuta de todas as pessoas que participaram da pesquisa contribuiu para minha compreensão sobre a relação entre a tradição de uma cultura e seu papel na educação formal.

[7] Entrevista de pesquisa concedida em 12 de maio de 2025, no distrito de Maniaçu, Caetité-BA.

A partir daqui, será iniciada a próxima seção com a análise dos dados coletados, onde busquei interpretar os significados com base nos autores apresentados no referencial teórico desta pesquisa.

4 A CONTRADANÇA: OLHARES E INTERPRETAÇÕES

No Reisado, o momento da contradança acontece após a pausa de descanso, um intervalo que o grupo de reiseiros dá antes das apresentações finais. É quando o Terno de Reis toca de forma mais descontraída, com movimentos e danças diversificadas. Nessa hora, outras pessoas, como os donos da casa ou visitantes, entram na roda para dançar e celebrar aquele momento que se torna festivo. Neste trabalho, a contradança representa a pausa entre meu percurso metodológico e as contribuições dos autores escolhidos para fundamentar a análise. Nessa perspectiva, esta seção está dividida em dois momentos: o primeiro traz a fundamentação metodológica e trajetória que me levou à escolha do tema, bem como as etapas de desenvolvimento da pesquisa; o segundo momento traz uma análise das observações e relatos com base nas abordagens dos autores presentes no referencial teórico desta pesquisa.

4.1 CAMINHOS PERCORRIDOS RUMO A UMA INTERPRETAÇÃO DO TERNO DE REIS

A pesquisa apresentada neste trabalho de conclusão de curso consistiu em uma pesquisa de cunho qualitativo que envolveu a realização de uma pesquisa bibliográfica em busca da fundamentação teórica, pesquisa de campo e a realização de entrevistas semiestruturadas. O primeiro passo para a realização da pesquisa foi a elaboração do projeto na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I), cursado no sétimo semestre. Após isso, juntamente com minha orientadora Lidia de Teive e Argolo, demos início à organização do cronograma de pesquisa e elaboração do trabalho. Tendo como início a leitura das obras dos autores selecionados pela orientadora e pela pesquisa bibliográfica, a construção do referencial teórico, além de pesquisas na internet e das visitas e pesquisas a campo.

Foram utilizados como ferramentas de pesquisa o aparelho de celular para a gravação de áudio durante as entrevistas, bem como a produção de vídeos e fotografias durante as apresentações dos Ternos de Reis. Também foi utilizado o diário de campo para as anotações importantes durante as minhas observações no campo.

Durante as buscas realizadas na internet na pesquisa bibliográfica, encontrei divulgações da exposição Reiseiros realizado no MASB em Caetité. Partindo dessa descoberta entrei em contato com os representantes do museu pelo *WhatsApp* no dia 2 de dezembro de 2024, quando recebi o contato da curadora do projeto em exposição. Ao entrar em contato com a responsável pelo projeto, agendamos minha visita ao museu para o dia 6 de dezembro de

2024. Foi perceptível a receptividade, tanto do museu quanto da curadora da exposição no sentido de contribuir com a realização desta pesquisa.

Passaram-se alguns dias, especificamente no dia 12 de janeiro de 2025, participei do XXXVII Encontro de Ternos de Reis e Violeiros de Caetité e região que aconteceu na praça da Catedral em Caetité. Nesse dia acompanhei o grupo de Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte saindo de Pajeu do Vento por volta das 6 horas da manhã e chegamos ao local por volta das 7h30min, mas antes disso o grupo realizou uma apresentação na casa de um amigo deles. Finalizando essa apresentação fomos para o evento que se iniciou por volta das 8 horas e quando deu 13 horas nós retornamos para nossas casas. Essa experiência foi significativa para mim, pois contribuiu bastante, me oportunizando observar de perto como é a dinâmica do grupo nas suas interações, organização, práticas e relações entre as pessoas da comunidade e com os demais membros dos grupos de reiseiros.

A entrevista com Luís Benevides já estava prevista desde a elaboração do projeto de pesquisa. No entanto, entrei em contato com ele no dia 17 de março de 2025, quando foi marcada e realizada na manhã do dia 12 de abril.

Durante a visita ao MASB, a curadora da exposição indicou a Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira sediada no distrito de Maniaçu no município de Caetité. Foi então de descobri a existência do projeto de Terno de Reis desenvolvido pela rede de ensino. No dia 9 de abril de 2025 entrei em contato com a direção da escola apresentando o projeto de pesquisa e agendando uma visita para o dia 28 do mesmo mês. No entanto, após alguns adiamentos que aconteceram por motivos de força maior, a visita foi marcada e realizada no dia 12 de maio de 2025. Destaco aqui a disponibilidade e receptividade tanto do diretor quanto da vice-diretora da escola, que me receberam de portas abertas e se mostraram grande interesse em participar respondendo a entrevista desta pesquisa fornecendo importantes informações que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

Por fim e não menos importante, aconteceu a entrevista com a Sr.ª Helena, líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte. Essa entrevista já estava planejada desde o início da criação do projeto de pesquisa, mas precisou ser adiada por motivos pessoais. Conseguimos marcar então para o dia 15 de maio deste ano, quando a entrevista foi realizada.

Revisando o processo de realização da pesquisa, consigo perceber que o que fez surgir o meu interesse em abordar a temática que engloba a cultura do Reisado e sua relação com a educação foi a vontade de procurar formas de preservar uma herança cultural que minha família carrega de geração em geração. Desde que passei a conhecer melhor o Terno de Reis da comunidade em que vivo, percebi também que as instituições de ensino poderiam implementar

tal cultura como forma de aprendizagem e preservação das culturas regionais, tendo em vista que se faz fundamental que os alunos possam apreciar e conhecer a própria cultura, de diversas comunidades e onde as mesmas residem. Dessa forma, refleti sobre a relevância que essa pesquisa pode ter na valorização de uma herança cultural da minha família, bem como na construção de uma educação mais inclusiva, diversificada e enriquecedora para as pessoas.

Outro motivo da escolha do meu tema de TCC se deu a partir de um trabalho acadêmico realizado durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa, ministrada pela Prof.ª Joseni Meira no 4º semestre do curso. Na ocasião, através de uma entrevista com a líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte, buscamos compreender as origens e a importância da tradição, mas também a situação atual do Reisado na comunidade e as principais dificuldades enfrentadas pelos integrantes.

Diante disso, e de acordo com o que venho aprendendo no curso de Licenciatura em Pedagogia, pude notar e defendo a importância de uma educação que não deva ser baseada apenas em livros didáticos ou conteúdos diversos, por mais que sejam importantes. Muitas vezes esses estudos não abordam ou trazem a realidade cultural do cotidiano dos alunos nas escolas ou fora delas. Por isso aponto como a abordagem da cultura popular pode trazer contribuições na formação dos estudantes.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa surgiram diversos desafios que dificultaram um pouco tanto na parte acadêmica quanto na pesquisa a campo. O primeiro obstáculo que encontrei foi a pouca quantidade de trabalhos acadêmicos sobre a temática do Reisado e sua relação com a educação. Por mais que essa temática seja pouco explorada no meio acadêmico, me senti motivado em continuar a pesquisa após a descoberta de que este trabalho se configura como inédito por não haver outra pesquisa com o tema. Outro desafio que enfrentei foi na realização das entrevistas e pesquisa de campo. Houve a necessidade de adaptar cronograma de pesquisa devido à distância entre os locais e a disponibilidade e realidade dos participantes, fazendo com que houvesse a mudança de datas, impactando diretamente a pesquisa de campo e construção do trabalho.

A pesquisa proporcionou oportunidades que estavam fora da programação, como por exemplo: a visita ao MASB que ampliou meu conhecimento no que diz respeito ao Reisado, que por sua vez, serviu como ponto de partida para a descoberta do Terno de Reis presente na Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira no distrito de Maniaçu em Caetité.

Outro ponto desafiador foi o envolvimento emocional que surgiu a partir de alguns relatos dos participantes da pesquisa. Por se tratar de uma cultura de herança familiar, em alguns

momentos os entrevistados relembraram membros do Terno de Reis que já faleceram, o que me fez sentir comovido.

Nesse momento relembrei as abordagens citadas anteriormente de Roberto DaMatta e Clifford Geertz, que contribuíram em meu processo de formação como pesquisador, ajudando em transformar exótico no familiar ou o familiar no exótico, como discute DaMatta (1978). A abordagem da subjetividade que estes antropólogos elaboram contribuíram para que eu pudesse ter um novo olhar sobre a cultura do Reisado que já me era familiar, mas ainda não era conhecida em muitos de seus aspectos. Por mais que os participantes dessa cultura nas entrevistas sejam membros da minha família, como o caso da Sr.ª Helena, os conceitos dos autores utilizados foram de suma importância para me ajudar compreender e distinguir os sentidos e significados da cultura do Reisado.

4.2 DIÁLOGOS INTERPRETATIVOS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO REISADO

Além de corroborar com a configuração de meu olhar de pesquisador, os autores e suas abordagens trouxeram chaves para interpretar os detalhes, as nuances, os sentidos subjacentes envolvidos no Reisado e suas possíveis conexões com a educação. Nessa perspectiva, esta subseção traz uma análise dos relatos e pesquisas de campo sobre o Reisado fazendo uma relação e discussões de acordo com o referencial teórico deste trabalho. A análise traz como fundamento conceitos importantes dos autores brevemente apresentados nos capítulos anteriores, bem como suas obras e discussões no que se refere aos rituais, culturas populares e, a relação das manifestações culturais com a educação.

Partindo para a análise, iniciando pelo 37º Encontro de Ternos de Reis e Violeiros de Caetité e região, realizado em Caetité, foi possível vivenciar e observar um dos conceitos discutidos por DaMatta (1997) quando este aborda a questão da função simbólica e social dos rituais e culturas brasileiras. O encontro de grupo de Reiseiros pode ser compreendido como um rito de celebração coletiva que remete a elementos religiosos. As festas de Santos Reis, bem como o Encontro de Ternos de Reis em Caetité, que reuniu pessoas de diferentes localidades, que levaram suas famílias e amigos para assistir e vivenciar aquele momento de comemoração, podem ser observados assim como DaMatta (1997) observa os rituais, destacando que os mesmos podem acontecer como momentos de inversão e suspensão do cotidiano. Nesse sentido, quando as festas de Santos Reis ou o Encontro de terno de Reis ocorrem nas ruas ou em comunidades, se torna algo familiar e ao mesmo tempo comunitário.

No dia do XXXVII Encontro de Ternos de Reis e Violeiros de Caetité e região, pude notar uma série de práticas que demonstram uma organização ritual, como por exemplo: a distribuição de camisas padronizadas, o cuidado com os instrumentos, a ordem de entrada para a apresentação, a forma como se inicia a tocar os instrumentos e cantar as músicas, o significado simbólico atribuído à bandeira e o respeito por ela. Esses elementos compõem o que DaMatta (1997) define como estrutura formal do rito, que engloba um conjunto de símbolos que garantem a sua legitimidade. Isso pode ser relacionado à combinação da formalidade e informalidade quando em um momento formal o grupo de Reiseiros se organiza adotando a padronização das camisas, a forma de se apresentar e o respeito pelos símbolos atribuídos aos objetos que ganham status de signos. Já a dimensão informal se manifesta na medida em que os grupos organizam festas sem precisar necessariamente seguir um padrão, pois um dos objetivos é a intencionalidade da preparação do evento coletivo para todas as pessoas e não somente para um grupo social.

Dessa forma, o encontro de Reiseiros foi marcado como um momento de equilíbrio entre o formal e informal levando em consideração o que DaMatta (1997) aborda quando associa a celebração da independência de um país com o carnaval, fazendo entender que enquanto a formalidade contribui para a estruturação da prática cultural, a informalidade ajuda na flexibilidade para/com as pessoas.

Compreendendo que os elementos descritos nos relatos e trechos das observações das pesquisas de campo não são somente objetos ou gestos, mas sim uma gama de símbolos como uma teia de significados criada pelos próprios indivíduos com base no conceito de cultura de Clifford Geertz (1981), essas manifestações nos fazem olhar para elas como um sistema simbólico carregado de valores, crenças e identidades e não como fatos isolados.

A maneira como os instrumentos são fabricados e enfeitados, a forma como os chapéus e roupas personalizadas e até mesmo a confecção manual das faixas e toucas feitas por familiares da Sr.ª Helena, nos fazem perceber como há um investimento emocional e simbólico. A fala da Sr.ª Helena reforça como a preparação ao enfeitar os instrumentos, roupas e acessórios teve um significado simbólico que se tornou tão importante quanto a própria apresentação do Reisado.

Da mesma forma acontece com o ato de beijar a bandeira do Terno de Reis. A bandeira se mostra como um simples objeto, porém, para os devotos ela representa um símbolo sagrado carregado de significados profundos. Como foi relatado por Sabrina Alves durante a minha visita à exposição Reiseiros no MASB, ao ter o contato com a bandeira dos Ternos de Reis, algumas pessoas a beijam e se ajoelham diante dela, expressando uma relação de devoção, fé e

respeito. Retomando a reflexão de Geertz (1981), podemos compreender como esses atos diante da bandeira a situam enquanto um símbolo configurado nas relações que compõem a teia cultural de significados construídos coletivamente e passados por diversas gerações. Nessa perspectiva, a bandeira pode simbolizar a presença de alguma santidade e, ao mesmo tempo, um objeto que, para as pessoas que acompanham o reisado, contém bençãos e proteção divina.

Turner (2013) nos ajuda a pensar como os símbolos dos rituais podem ser "multívocos", pois um único gesto pode conter camadas de significados, algumas de fácil interpretação e outras não. Esse conceito nos ajuda a entender por exemplo, como a bandeira do Terno de Reis pode ser representada de várias formas ao mesmo tempo, seja ela como um objeto que remete à fé cristã, seja a história e identidade de um grupo ou uma fonte de bençãos e proteções. O mesmo pode se dar com relação aos instrumentos enfeitados e às vestimentas preparadas antes das apresentações, por se tratar de símbolos densos que não estão ali só para embelezar, mas sim para comunicar uma grande quantidade de sentidos.

Além disso, essa multivocidade dos símbolos contribui para que sejam atribuídos vários significados na mesma prática. Enquanto para as pessoas mais velhas os rituais podem ser entendidos como ensinamentos religiosos ou devoções, para os jovens os mesmos rituais podem ser uma forma de preservação da identidade cultural e/ou tradição de uma comunidade.

Partindo das observações de Van Gennep (2013), nas quais ele classifica os ritos de passagem entre três fases: separação, margem (ou liminaridade) e agregação, é compreensível entender que na prática do Reisado essas estruturas podem ser identificadas. O momento em que um grupo de reiseiros se prepara para sair de sua comunidade vestindo roupas personalizadas pode representar simbolicamente a fase de separação, pois os membros do grupo do Terno de Reis deixam suas rotinas cotidianas e dedicam o tempo para se manifestar culturalmente naquele momento, eles saem de um estado para o outro.

A fase de margem (ou liminar) acontece quando os membros do Reisado assumem os papéis de tocador, cantor ou de responsável por segurar a bandeira, entregá-la ao dono da casa onde estiverem se apresentando e recebê-la de volta ao final da apresentação. Nessa fase, os integrantes suspendem suas normas do cotidiano, pois precisam adentrar o ritual para transmitir às pessoas que assistem. Já a fase de agregação acontece no momento de encerramento do ritual, seja no canto de despedida quando o integrante recebe a bandeira de volta, seja no retorno para suas comunidades quando os integrantes soltam fogos de artifício ou na realização da Festa da Ladainha quando os participantes se organizam como forma de agradecimento pelo abraço e contribuição da comunidade.

Turner (2013) por sua vez, amplia a visão de Gennep quando aborda o conceito de "liminaridade" e "communitas". De acordo com a abordagem de Turner, as pessoas que ritualizam vão além das estruturas sociais do dia a dia, entrando na fase liminar por vivenciar um momento de comunhão coletiva e muitas vezes igualitária. Já quando no Reisado os grupos distintos de Ternos de Reis se encontram em eventos, ao se reunir, cantar e dançar juntos, na partilha dos espaços e instrumentos, emoções e fé cristã, esses grupos começam a vivenciar o momento "communitas", por reforçar os laços sociais e culturais entre os participantes de grupos de reiseiros e povos de diferentes comunidades.

Além disso, Turner (2013) vê o ritual como uma forma dramática de expressão simbólica da vida social. Os relatos do campo mostram como o Reisado, com suas bandeiras, instrumentos enfeitados, vestimentas específicas e cantigas ritualizadas, constitui um verdadeiro "drama social", no qual se encena e se atualiza a fé, a tradição e a identidade cultural do grupo. A entrada nas casas, o canto diante do presépio (ou "lapinha"), os momentos de contradança e até mesmo os gestos de devoção diante da bandeira são manifestações simbólicas carregadas de sentido. A presença da morte, como no caso do grupo que participou do evento mesmo enlutado por uma de suas integrantes, mostra como o rito também lida com experiências liminares da própria existência humana, como a passagem entre a vida e a morte, integrando-as ao ciclo ritual e à memória coletiva.

Dessa forma, esses momentos em que acontecem os rituais servem também para reafirmar a relação do grupo de reiseiros, bem como aproximá-los da comunidade e vice-versa. Na prática, essa abordagem de Turner é visível tanto na organização das apresentações quanto no momento em que a comunidade contribui ao compartilhar dinheiro e alimentos para a realização da Festa da Ladainha que se desdobra em prática de solidariedade, aproximação e fortalecimento comunitário.

Conforme discutido na sessão teórica deste trabalho, Durkheim (2021) define os ritos como práticas que atualizam o passado no presente, fazendo com que os valores, crenças e a memória coletiva de uma sociedade sejam reafirmadas. Para Durkheim (2021), o rito é muito mais que uma simples recordação, mas sim uma dramatização que conecta os indivíduos uns aos outros e ao seu pertencimento social. É nessa perspectiva que compreendemos os encontros de Ternos de Reis, o giro que esses ternos fazem pelas casas em suas comunidades, a participação da comunidade com a cultura local e a implementação dessas culturas populares em espaços escolares.

Ao longo da pesquisa realizada analisando minhas observações diante das visitas a campo e dos relatos obtidos das pessoas que participaram, é notável perceber como a cultura

do Reisado renova os laços sociais a cada ano. Quando os grupos de reiseiros se encontram nos eventos de Ternos de Reis por exemplo, entre eles acontecem uma verdadeira prática coletiva, pois dançam, tocam e cantam juntos mesmo sendo de grupos diferentes. Aquilo se transforma ainda mais em um momento alegre, onde eles promovem a união através da cultura.

Outro ato de conectividade entre os reiseiros e a comunidade acontece quando os donos das casas visitadas pelos grupos de Ternos de Reis partilham dinheiro ou algo para contribuir com os grupos de reiseiros. Esse ato simboliza a reciprocidade e demonstra como a proximidade entre a comunidade e o grupo de reiseiros se fortalece através de ações que demostram cuidado, reconhecimento e valorização.

A iniciativa de Luís Benevides em criar os encontros de Terno de Reis consiste em algo que conecta os reiseiros ao meio social. O próprio criador dos encontros de Ternos de Reis em Caetité afirmou isso quando teve a ideia de promover esse evento, pois ele sentiu a necessidade de que os variados grupos de Ternos de Reis pudessem criar um laço de aproximação entre eles, de um grupo conhecer o outro.

Além disso, a cultura do Reisado faz com que as pessoas de uma comunidade se sintam próximas umas das outras, quando são compartilhadas as crenças, bem como o momento de fé, o ato de devoção. Quando os grupos de reiseiros se encontram ou quando eles vão até as casas nas comunidades, o público se vê envolvido e incluso neste meio cultural. O encontro se torna não só um processo de celebração cristã, mas algo que aproxima os grupos e o público por meio da memória coletiva e da partilha, provocando então uma renovação de vínculos e elos comunitários.

Considerando as perspectivas teóricas elencadas, é possível dizer que o Reisado consiste em mais do que uma manifestação efêmera, mas configura um ritual enraizado de valores coletivos, onde há uma articulação entre o passado e o presente que conecta não só o sagrado ao festivo, como também o individual ao coletivo. DaMatta (1997) contribui para esse entendimento quando argumenta que a cultura popular não deve ser vista como um simples folclore, mas como análise social, onde a sociedade se manifesta por meio dos seus conflitos ou de seus sonhos. É nesse viés que o Reisado se revela um espaço em que a sociedade tem a possibilidade de se reafirmar e sentir a necessidade da resistência ao esquecimento de suas próprias culturas e identidades.

Visando os aspectos mencionados sobre a compreensão do Reisado enquanto algo além de uma manifestação cultural ou religiosa, ressalto que ele constitui também uma prática de saberes coletivos que contribui para a formação educativa das pessoas. Os relatos da pesquisa

de campo nos mostram como a cultura do Reisado possibilita a articulação de práticas pedagógicas capazes de serem experenciadas nas salas de aulas e em outros espaços da escola.

Silva (2008) afirma que uma escola comprometida com a humanização do ensino precisa valorizar os saberes populares. Um exemplo dessa valorização foi a exposição da cultura do Terno de Reis no MASB, onde foi organizado uma simulação de como o ritual do Reisado acontece quando visita uma casa. A curadora dessa exposição destacou em suas falas que a criação do projeto exposto no museu não foi de "inventariar" ou sistematizar a tradição do Reisado, mas foi oferecer um olhar sensível, buscando contribuir para a educação por meio da arte e da memória. É nesse sentido que se posiciona Silva (2008) quando fala de uma pedagogia democrática.

Um exemplo dessa inclusão democrática é a implementação de um grupo de Terno de Reis na Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira. O relato do Diretor dessa escola reforça o pensamento de DaMatta (1997) sobre a afirmação de que as culturas populares vão além do folclore. O diretor afirma que o Reisado é como um instrumento de formação integral dos alunos. Quando esses alunos entram em contato com a cultura do Terno de Reis desenvolvem neles habilidades que ultrapassam os ensinamentos escolares, tais como: responsabilidade, respeito, sentimento de pertencimento, identidade além de aprendizados que se relacionam com a arte por meio da música.

Quando a Sr.ª Helena relata sobre a experiência de fabricar artesanalmente as gaitas utilizando recursos da natureza, ou quando fala sobre a forma de como aprendeu a tocar os instrumentos, nos direciona ao que Brandão (2005) define como saberes não letrados. Saberes esses que não foram aprendidos em espaços escolares, mas sim em a partir das observações e do convívio com os mais velhos da sua comunidade. Ao compartilhar suas experiências durante a entrevista, a Sr.ª Helena nos possibilita refletir sobre a ideia de que o conhecimento válido é muito mais que o aprendizado das estruturas formais de ensino, ao mesmo tempo no faz reconhecer o quão grande é o valor dos saberes populares e a importância de levar esses saberes para os espaços escolares.

No entanto, a Sr.ª Helena demonstra um sentimento de preocupação sobre a possibilidade do fim da tradição do Reisado e principalmente do Terno de Reis que ela lidera. A perda de importantes membros do seu grupo, somada às limitações físicas e envelhecimento dos demais integrantes, foram os principais motivos para a pausa do giro do grupo de Terno de Reis liderado pela Sr.ª Helena. Com isso foi gerando preocupações em relação a permanência ou abandono da tradição do Reisado. Foi notório perceber o sentimento de tristeza e desânimo expressado pela Sr.ª Helena ao tocar no assunto e relembrar os tempos em que seu Terno de

Reis saía pelas ruas das comunidades, o que atualmente não acontece mais devidos às dificuldades mencionadas.

A tradição do Reisado corre o risco de ter um fim pelo fato de depender da transmissão dos saberes, porém, poucos jovens têm o interesse ou se sentem motivados a aprender e dar seguimento a essa prática cultural. Mas mesmo com esses aspectos que dificultam a saída do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte e permanência da cultura local, a Sr.ª Helena afirma o desejo e esperança de continuidade da sua tradição destacando a vontade de dar continuidade, mas com a ajuda das instituições de ensino. A fala da Sr.ª Helena destaca que as escolas podem desempenhar o papel de valorização da cultura do Reisado como um dos principais meios de levar o conhecimento da Folia de Reis aos mais jovens. Ao tocar nesse assunto, a Sr.ª Helena se disponibiliza a contribuir com o que for preciso para a transmissão dos saberes relacionados ao Reisado.

Por outro lado, Luís Benevides demonstra um olhar otimista apontando o forte crescimento e surgimento de novos Ternos de Reis em outras comunidades do município. Em sua fala, Benevides destaca o ressurgimento da cultura do Reisado na comunidade de Caldeiras em Caetité, isso mostra que, apesar de alguns desafios que surgem para os Ternos de Reis, com o ressurgimento da cultura do Reisado e fortalecimento dessa tradição nas comunidades, surge uma nova motivação dentre os participantes e aumenta possibilidade de encontrar novos caminhos para a retomada dessa tradição.

Essa análise revela como o Reisado ultrapassa a ideia festiva e religiosa, evidenciando que é uma cultura popular capaz de aproximar as pessoas e conectar umas com as outras por meio de suas ritualidades, saberes e experiências coletivas. Desse modo, entendo que o Reisado é uma cultura viva, que educa, sensibiliza e transforma uma sociedade alimentando o conhecimento e reaproximando de suas raízes culturais e pertencimento.

5 VIVA AOS REISEIROS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA DO REISADO E A EDUCAÇÃO

Ao finalizar as apresentações do Reisado, os Ternos de Reis tocam a última canção, pegam a bandeira e saem da casa enfileirados. Essa canção é conhecida por “Reis de despedida”. Após o final dessa música os Reiseiros repetem a frase “Viva ao Santo Reis”, da mesma forma como no início de suas apresentações como forma de agradecimento e encerramento daquela apresentação, já os donos da casa respondem “Viva aos Reiseiros”, também como forma de agradecimento por terem se apresentado em suas casas. Aqui, finalizo este estudo com meu “Reis de despedida” e meu “viva aos Reiseiros”, ou seja, minhas considerações finais.

Esta pesquisa buscou compreender o Reisado como uma manifestação cultural que vai além das questões religiosas e folclóricas, evidenciando como essas manifestações carregam uma gama de significados, simbolismo, vivências e experiências que reafirmam a identidade e pertencimento cultural de um povo.

A compreensão desses aspectos só foi possível a partir das concepções dos autores DaMatta (1997), Geertz (1981), Turner (1974), Van Gennep (2013), Durkheim (2021), Peirano (2002) e Silva (2008), mencionados na fundamentação teórica que foram essenciais para contribuir com as observações da pesquisa de campo, relatos dos participantes e com a análise deste trabalho.

Partindo para a minha primeira visita a campo que aconteceu no MASB em Caetité, foi perceptível o importante papel de preservação da memória cultural da região do município, que acolhe diferentes manifestações populares, uma delas foi o Reisado, em exposição no período da minha visita ao local. O projeto Reiseiro dá visibilidade à tradição dos Ternos de Reis ao ser apresentado, por meio de exposições, relatos, fotografias, audiovisuais, instrumentos físicos, objetos utilizados no Reisado que se configuram como elementos carregados de símbolos e significados. A iniciativa de Sabrina Alves, curadora do projeto, promove o reconhecimento e valorização da cultura popular, possibilitando que a sociedade conheça e reflita sobre a importância de preservar essas culturas.

Além das contribuições pedagógicas e culturais presentes na exposição no MASB, Sabrina Alves evidencia como o Reisado está ligado ao cuidado coletivo e fortalecimento do bem-estar das comunidades que manifestam essa cultura. Isso inclui a preocupação da Sr.ª Helena em relação ao fim da tradição do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte conforme as dificuldades enfrentadas pelo grupo citadas por ela durante a entrevista. Nesse sentido,

reconhecemos como o papel desempenhado pelo MASB com o projeto Reiseiros e por Luís Benevides ao organizar eventos de encontro de Ternos de Reis são relevantes para a valorização da cultura local.

Com base nos relatos colhidos na pesquisa a campo e no entendimento das concepções dos autores, a fundamentação teórica, é possível afirmar que a cultura do Reisado, e tantas outras manifestações culturais, se tornam riquezas e dramas sociais nas quais os envolvidos ritualizam e relembram suas memórias, reafirmando seus vínculos, pertencimento cultural e identitário que aproximam e conectam as pessoas, umas com as outras, através dos significados e símbolos atribuídos aos rituais e objetos, na devoção da fé e laços emocionais que se formam em mecanismos estruturais e sociais por meio da vivência e experiências conforme destacados por Turner (1974) e DaMatta (1997).

O Reisado em si, se torna essencial para reafirmar os laços das pessoas que vivem em uma comunidade, pois carrega valores de confraternização, união, acolhimento e afeto. São valores com sentidos simbólicos expressados. O ato de Luís Benevides ao criar encontros de Ternos de Reis é uma contribuição para a aproximação dos diferentes grupos de reiseiros que residem em regiões diferentes. Segundo Luís Benevides, essa iniciativa possibilita que os grupos de Ternos de Reis deixem de ser apenas grupos conhecidos, mas comecem a conhecer os demais grupos existentes, as diferentes maneiras de se apresentarem e darem significados aos rituais e objetos presentes no Reisado, que se dimensiona mesmo estando e fazendo parte da mesma teia cultural, como definida por Geertz (1981).

Com base nas discussões, concepções, observações a campo e diálogos com os participantes ao longo da pesquisa entendemos que a cultura do Reisado oferece riquezas de saberes sociais que podem ser transmitidas nos espaços escolares com os alunos. Com esse olhar que respondo à questão norteadora dessa pesquisa que foi: como a cultura do Terno de Reis pode ser trabalhada na Educação, de forma que a mesma seja mantida e valorizada pela sociedade ao mesmo tempo que, possa contribuir para/com os aprendizados dos alunos?

Um exemplo que responde essa questão é o papel desempenhado pela Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira, onde se desenvolve um projeto voltado para a tradição cultural do reisado como um objeto fundamental para as experiências educativas e pedagógicas no ambiente escolar e em outros espaços contribuindo na formação dos estudantes e promovendo aprendizagens que vão além dos conteúdos formais, proporcionando a inclusão dos alunos com suas raízes e diferentes culturas de suas comunidades.

No momento do diálogo que tive com o diretor da escola, foi destacado por ele como o Reisado desenvolve esse papel significativo no desenvolvimento integral dos alunos, pois

abrange aspectos sociais, culturais e educacionais. Segundo o diretor, o projeto desenvolvido na escola dá oportunidade aos estudantes de se aproximar ainda mais de uma tradição considerada forte na região em que vivemos, que tem um impacto positivo ligado ao estímulo desses alunos sobre a compreensão da importância dessa cultura. É nesse sentido que aponta Silva (2008), quando defende propostas pedagógicas que sejam democráticas e humanizadoras que leva aos alunos o conhecimento dos saberes populares no processo educativo.

Compreendo que, através desses projetos interdisciplinares é possível incluir os elementos presentes no Reisado, como: música, danças, cantos, produções artesanais e aprender a tocar os instrumentos, podem ser uma importante ferramenta para desenvolver nos alunos habilidades cognitivas, sociais e emocionais e que podem ser utilizadas como propostas e conteúdos educativos em disciplinas nas salas de aula. Além disso, a implementação de oficinas para a aprendizagem de como tocar e fabricar artesanalmente os instrumentos, rodas de conversas, visitas a espaços como os museus promovem experiências educativas que dialogam com o que Silva (2008) e Brandão (2008) discutem sobre o reconhecimento de saberes não letrados das comunidades.

Vejo que as escolas devem se aproximar dessas manifestações culturais para levar o conhecimento da importância que essas culturas carregam em si, para as pessoas e para suas comunidades. Muitas vezes os calendários escolares não conseguem acompanhar todo o processo cultural do município, é a partir daí que os projetos desenvolvidos em outros espaços não escolares podem ser uma ótima alternativa para que as escolas incluam os alunos no âmbito cultural regional, como por exemplo a exposição do projeto Reiseiros que esteve presente no MASB em Caetité. São espaços e projetos como esse que, se houver a iniciativa das escolas promovendo oportunidades de acesso para os alunos, possam ampliar as possibilidades educativas reforçando práticas pedagógicas e democráticas.

Em meu entendimento, a educação pode se tornar ainda mais enriquecedora e inclusiva quando implementados elementos culturais que desenvolvam pedagogicamente a experiência e aprendizado dos educandos baseado nas origens de seus povos, nos costumes e vivências que são carregadas e mantidas de geração em geração.

Assim, a minha pesquisa sobre o Terno de Reis surgiu não só como uma oportunidade de descrever uma tradição cultural familiar e da região de Caetité, mas também de gerar uma motivação para a implementação de uma prática educativa que trabalhe um currículo voltado para o cotidiano e cultura de uma localidade.

REFERÊNCIAS

ACHEI SUDOESTE. **Tradicional Encontro de Terno de Reis comemora 37 anos em Caetité**. Achei Sudoeste, 08 jan. 2025. Disponível em: https://www.acheisudoeste.com.br/noticias/imprimir/71762-2025/01/08/tradicional-encontro-de-terno-de-reis-comemora-37-anos-em-caetite. Acesso em: 30 abr. 2025.

ANTIQUIS. **Série Reisados – Volume I: Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte**. Antiquis. 2021. Disponível em: https://www.antiquis.com.br/serie-Reisados/volume-1-fazenda-boa-sorte/. Acesso em: 20 ago. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 3 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BORGES, Robertta Alves. **Folia de reis**: promessa, fé, devoção, tradição, legado. Folia de reis: promessa, fé, devoção, tradição, legado, v. 80, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. *In*: SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília, DF: SEED/MEC, 2008. p. 25-45.

CULTURA. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/cultura/. Acesso em: 20 mai. 2025.

DAMATTA, Roberto da. **O ofício do etnólogo ou como ter "Anthropological Blues"**. *In*: NUNES, Edson. A aventura sociológica. Rio de Janeiro, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. 1 ed. Bauru: Edipro, 2021.

ESCOLA MUNICIPAL ZELINDA CARVALHO TEIXEIRA. **Projeto Político-Pedagógico**. Caetité, 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ISAAC DOMINGUES. **14º Festival de Reisado de Morrinhos - 03/03/2007**. Isaac Domingues. YouTube, 2021 (95 mim.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vYSB9tetEQ4. Acesso em: 19 ago. 2025.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito**: ensaio de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETITÉ. **A História**. Caetité-Ba. 2025. Disponível em: https://caetite.ba.gov.br/a-historia/. Acesso em: 19 ago. 2025.

REISEIROS. **Giro Virtual - Live 01**. Reiseiros. YouTube, 2021 (76 mim.). Disponível em: https://www.youtube.com/live/fVcS9S9cYmU?si=pFbGTECxtO-JOPD9. Acesso em: 19 ago. 2025.

RITO. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/cultura/. Acesso em: 14 mai. 2025.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA (SECULTBA). **#LeiAldirBlanc, Série Reisados prepara 3º volume de CD com Terno de Reis centenário do alto Sertão da Bahia**. BA.Gov, 2021. Disponível em: https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/59132/leialdirblanc-serie-Reisados-prepara-3o-volume-de-cd-com-terno-de-reis. 30 abr. 2025.

SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília: Salto para o Futuro/TV Escola/Seed/MEC, 2008.

TORRES, Lúcia Beatriz; CAVALCANTE, Raphael. Festas de Santos Reis. *In*: SILVA, René Marc da Costa. (Org.). **Cultura popular e Educação**: salto para o futuro. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, MEC, 2008.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 4 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2013.

APÊNDICES

Perguntas utilizadas na entrevista à líder do Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte

1. Qual o seu nome completo
2. Qual a sua idade?
3. Em que local você reside?
4. Como você gostaria de ser chamado (a)?
5. Em qual profissão o Sr. atua ou atuou?
6. Qual o seu pertencimento étnico-racial?
7. Você se identifica com alguma religião? Qual?
8. Há quanto tempo a Sr. tem contato com a cultura do reisado?
9. Como começou o Terno de Reis da Fazenda Boa Sorte?
10. Quem teve a ideia de formar o grupo?
11. Há quanto tempo o grupo existe?
12. Como era o grupo no começo?
13. O que te motivou a participar e continuar no Terno de Reis?
14. Como o Terno de Reis funciona na região da sua comunidade?
15. Em que época do ano vocês se apresentam?
16. Como é feita a preparação para as apresentações?
17. Tem alguma regra ou costume que sempre seguem?
18. Quem são os membros do grupo atualmente?
19. Qual é a idade das pessoas que participam?
20. Como os participantes são escolhidos para serem membros ou tocar algum instrumento?
21. O grupo já gravou algum CD? Se sim, como foi a experiência de gravar?
22. O grupo tem músicas autorais?
23. Vocês já participaram de programas de TV ou rádio?
24. Já gravaram vídeos ou documentários?
25. Quais foram as apresentações mais importantes que já fizeram?
26. Já se apresentaram fora do estado?
27. O grupo já ganhou prêmios ou homenagens? Se sim, quais?
28. Qual foi o momento mais marcante do grupo até hoje?
29. Quais são as maiores dificuldades para manter o grupo ativo?
30. Você acha que o Reisado ainda vai durar muitos anos?

31. Falta apoio da comunidade ou de alguma esfera de governo?
32. Já pensou em desistir? O que te fez continuar?
33. O que você espera para o futuro do Terno de Reis?
34. Como fazer os mais jovens se interessarem pela tradição?
35. As escolas da região participam do Terno de Reis de alguma forma?
36. Já houve apresentações do grupo dentro de escolas?
37. Como você acha que as escolas podem ajudar a manter viva essa tradição?
38. Seria importante incluir o Reisado no ensino da cultura local?
39. Alguém que conheceu o grupo na escola hoje participa com vocês?
40. Você gostaria que as escolas fizessem mais atividades ligadas ao Terno de Reis?

Perguntas utilizadas no diálogo com os diretores da Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira

1. Como surgiu a o grupo de Terno de Reis na escola?
2. Quem foram os idealizadores na formação desse terno de reis?
3. O grupo surgiu por iniciativa da escola ou da comunidade?
4. Qual a importância que o senhor(a) acredita que esse grupo tem para a formação cultural dos alunos?
5. Como o grupo contribui para a valorização dessa tradição dentro do ambiente escolar?
6. A comunidade escolar (pais, moradores do bairro) participa das apresentações ou atividades do grupo?
7. Já houve parcerias com outras instituições ou participação em eventos fora da escola?
8. Como os alunos são selecionados para participar do grupo?
9. Como é trabalhado essa cultura visando os diferentes tipos de religiosidade?
10. Quais as idades dos estudantes que fazem parte do grupo de terno de reis?
11. Existem ensaios e quando eles acontecem?
12. Essa atividade envolve disciplinas como história, música ou arte?
13. Os alunos aprendem também sobre a origem e o significado simbólico do reisado?
14. Quais atividades a escola e o grupo realiza ao longo do ano sobre a cultura do reisado?
15. Em quais datas o grupo costuma se apresentar?
16. Já houve apresentações fora do ambiente escolar?
17. Como os alunos reagem à participação no grupo?
18. De que forma o reisado pode contribuir para/com os jovens?
19. Para o Sr., quais ações seriam importantes para que mais jovens possam ter acesso ao reisado?
20. Como professor, o Sr. acredita que a cultura do reisado pode contribuir para a educação no município?
21. De que maneira as escolas podem contribuir para que a cultura do reisado seja trabalhada em sala de aula visando a valorização da cultura local?
22. Qual o seu olhar em relação a importância de transmitir essa cultura para novas gerações?
23. A educação e a cultura do reisado podem caminhar juntas?

Perguntas utilizadas na entrevista ao professor Luíz Benevides

1. Qual o seu nome completo?
2. Qual a sua idade?
3. Em que local você reside?
4. Como você gostaria de ser chamado (a)?
5. Em qual profissão o Sr. atua ou atuou?
6. Qual o seu pertencimento étnico-racial?
7. Você se identifica com alguma religião? Qual?
8. Há quanto tempo o Sr. tem contato com a cultura do reisado?
9. O Sr. já realizou projetos voltados para o reisado em Caetité? Quais?
10. Como é realizado o Festival de Terno de Reis em Caetité?
11. Qual a sua importância para as pessoas que assistem e para os reiseiros?
12. Para o Sr. qual a importância do reisado para a identidade cultural do município?
13. De que forma o reisado pode contribuir para/com os jovens do município?
14. De que forma os jovens que residam no município têm contato com a cultura do reisado?
15. Para o Sr., quais ações seriam importantes para que mais jovens possam ter acesso ao reisado?
16. Como professor, o Sr. acredita que a cultura do reisado pode contribuir para a educação no município?
17. De que maneira as escolas podem contribuir para que a cultura do reisado seja trabalhada em sala de aula visando a valorização da cultura local?
18. Para o Sr. qual o futuro do reisado no município?
19. Poderia compartilhar alguma experiência vivida através do reisado?
20. O Reisado apresenta características diferentes entre um terno de reis e outro. O Sr. consegue me dizer quais são as principais características que definem o reisado em Caetité?
21. Qual o seu olhar em relação a importância de transmitir essa cultura para novas gerações?
22. A educação e a cultura do reisado podem caminhar juntas?